

QUEM É QUEM

# Na Indústria Farmacêutica em Portugal 2020



O Jornal Económico

---

SAÚDE  ONLINE

# QUEM É QUEM

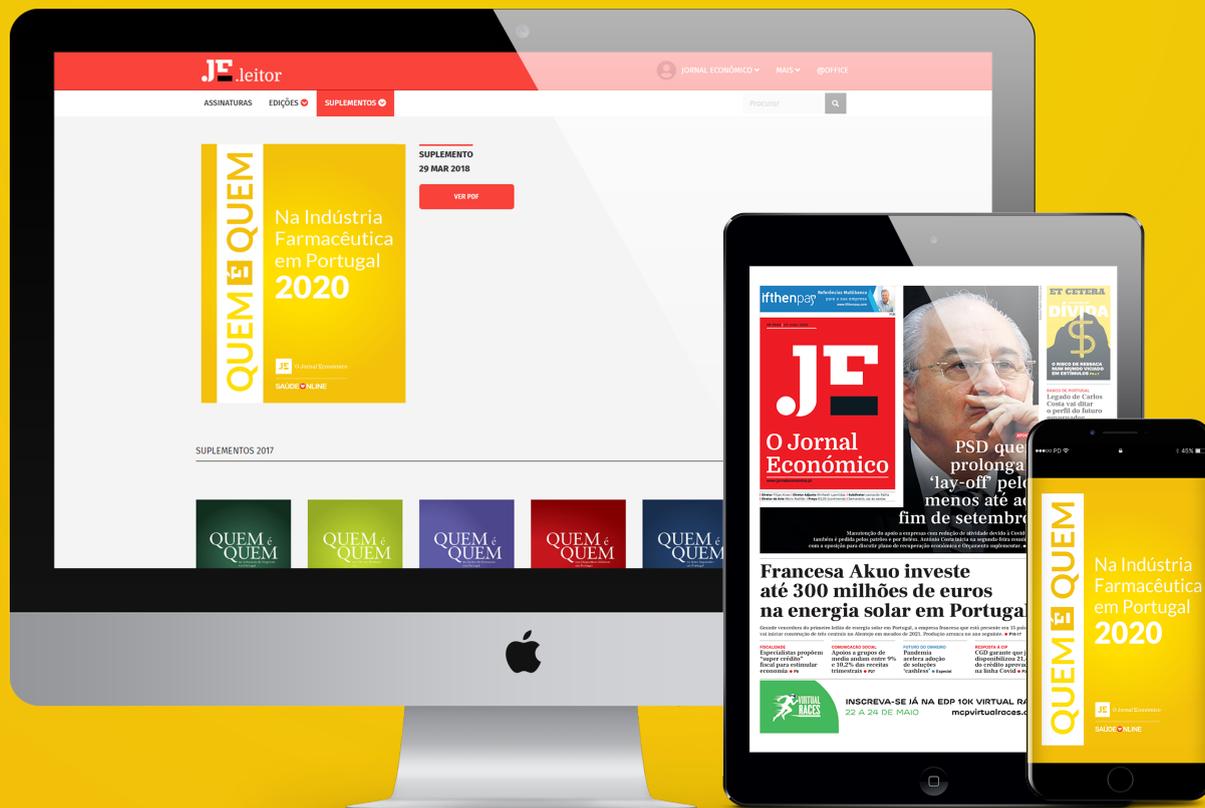
## Na Indústria Farmacêutica em Portugal 2020



O Jornal Económico

SAÚDE ONLINE

*Este guia do universo da indústria  
farmacêutica estará também disponível  
em [www.jornaleconomico.pt](http://www.jornaleconomico.pt) e [www.saudeonline.pt](http://www.saudeonline.pt)*



# A COVID-19 imobilizou Portugal... Que papel terá o setor do medicamento no resgate da normalidade?



**Tiago Caeiro**  
Jornalista do SaúdeOnline

O ano de 2020 surgiu no horizonte com sinais promissores, ainda que marcado por algum grau de incerteza. Uma nova equipa ministerial em processo de agilização (embora com Marta Temido sempre como timoneira e orientações de fundo inalteradas, no essencial), Rui Santos Ivo a consolidar a liderança no INFARMED após o conturbado período de Maria do Céu Machado e os avanços e recuos relativamente à mudança da sede da organização para o Porto, o crescimento natural das expectativas relativamente à imunoterapia e às potencialidades para o sistema de saúde abertas pelos biossimilares, capazes de gerar a poupança tão necessária ao investimento em inovação terapêutica.

E uma sociedade portuguesa a respirar com alívio, segura de que os tempos da troika pertenciam ao passado, a não evitar cuidados e tratamentos por falta de recursos, a fazer o que precisava de ser feito para melhorar a sua saúde. Condições excelentes, como tal, para o desenvolvimento do setor do medicamento, equipamentos e dispositivos médicos, um parceiro fundamental para a robustez do Serviço Nacional de Saúde.

A corrente tinha uma direção clara, mas o SARS-CoV-2 entrou em cena e virou “de pernas para o ar” todas as projeções, planos e ilusões. Empresas, autoridades regulamentares, forças políticas, instituições académicas e de investigação, entidades do setor social, organizações científicas, associações sócio profissionais, populações, todas forçadas a repensar o presente e o futuro, a gizar formas inteligentes de lidar com uma crise tão brutalmente inumana, que nos priva do contacto próximo, presencial, antes fator-chave para o suces-

so de negócios e equipas de trabalho. É certo que a resposta nacional a esta crise sanitária, social e financeira sem precedentes, tem sido elogiada aquém e além-mar. Mas se quisermos ser honestos, se a nossa vontade for a de analisar o que se passa com frieza e descomprometimento, estamos condenados a admitir que a dimensão dos desafios que nos esperam é uma grande incógnita.

Face a este teatro inesperado, cujo palco é reclamado pela COVID-19, impõe-se a dúvida: como vamos não só sobreviver, mas persistir na criação de mais-valias para a economia e para a comunidade? Através deste “Quem é Quem na Indústria Farmacêutica em Portugal – 2020”, projeto editorial desenvolvido em parceria por O Jornal Económico e a plataforma SaúdeOnline, temos a oportunidade de conhecer em detalhe, junto de reguladores, interlocutores do tecido económico, académicos, economistas da saúde e investigadores da área do medicamento, o que podemos esperar do período complicado que se avizinha, durante o qual todos nós teremos de remar no mesmo sentido: o da recuperação integral das nossas potencialidades, das nossas vidas e da normalidade (a possível).

Para os que procuram sempre réstias de esperança nas situações mais delicadas, há no entanto boas notícias. A mobilização da comunidade científica e das empresas do setor farmacêutico – nesta época em que muitos poderiam simplesmente baixar os braços – revelou-se inspiradora, com resultados imediatos e positivos sobre a saúde e qualidade de vida das pessoas (por intermédio da garantia de acesso a medicamentos essenciais, por exemplo, ou na rápida disponibilização de tecnologia para testar a presença do novo coronavírus no organismo de presumíveis infetados). Mas é preciso, agora, olhar frente e fazer mais, muito mais. Apostar na via da inovação é o único caminho para Portugal crescer, competir internacionalmente com os melhores e resgatar-se a si mesmo da profunda crise que nos baterá porta. E, para tal, é indispensável que os discursos políticos de ocasião, que piscam o olho à tecnologia e ao conhecimento com tanta regularidade, se consubstanciem em algo palpável. Dito de uma forma mais clara, exige-se apoio público à investigação clínica já, transparente, com regras claras

## Propriedade

Megafin, Sociedade Editora SA

## Diretor

Filipe Alves

## Diretor Adjunto

Shrikesh Laxmidas

## Subdiretor

Leonardo Ralha

## Conteúdos Editoriais

Tiago Caeiro (SaúdeOnline)  
e Vítor Norinha

## Área Comercial

Cláudia Sousa (Diretora),  
Elsa Soares, Isabel Silva,  
Ana Catarino e Cristina Marques  
Luís Araújo e Ricardo Anaia  
(SaúdeOnline)

## Fotografia e coordenação

Ludgero Zorro

## Design e Paginação

Rute Marcelino (coordenadora)

## Impressão

Jorge Fernandes

Revista distribuída  
com O Jornal Económico nº 2043  
de 29 de maio de 2020

## Sede e Redação

Rua Vieira da Silva 45,  
1350-342 Lisboa



**05 Entrevista**  
 João Gonçalves, virologista, responsável pelo programa Drug Discovery e coordenador do Instituto de Investigação do Medicamento (iMed) da Faculdade de Farmácia da Universidade de Lisboa diz ser necessário aproveitar o momento para investir em tecnologia que permita aos institutos de referência que se reinventem.



**12 Entrevista**  
 Aranda da Silva, presidente da Fundação para a Saúde SNS acredita que o SNS conseguiu dar uma resposta positiva à fase inicial da pandemia, mas alerta para erros como levantar a guarda cedo de mais.



**16 Opinião**  
 Céu Mateus, professora catedrática de Economia da Saúde da Universidade de Lancaster, diz em artigo de opinião que a incerteza é a única certeza no setor da saúde.



**18 Entrevista**  
 Rui Ivo, presidente do conselho diretivo do INFARMED afirma acreditar que a inovação terapêutica não será prejudicada na fase pós-pandemia e que a Europa poderá sair revitalizada desta crise.

**23 Fórum**  
 Forum de farmacêuticas e advogados

**29 Diretório**  
 Diretório das mais importantes empresas farmacêuticas a operar em Portugal

# “Criámos material de investigação que pode ser importante para vacina”

As restrições orçamentais sempre existiram, de maior ou menor dimensão. A notícia menos agradável é que no futuro continuarão a existir restrições financeiras, pelo que se manterá a obrigação de melhorar a organização e os critérios de definição de prioridades.

**N**a ótica de João Gonçalves, virologista, responsável pelo programa Drug Discovery e coordenador do Instituto de Investigação do Medicamento (iMed) da Faculdade de Farmácia da Universidade de Lisboa, é fundamental aproveitar a fase que atravessamos, marcada por recursos disponibilizados para a luta contra o SARS-CoV-2 e por novas necessidades em saúde (de que é exemplo a produção de testes serológicos), para investir fortemente em tecnologia que possibilite aos laboratórios e institutos de referência na área dos diagnósticos e terapêuticas se reinventarem. Objetivo derradeiro: desenvolver um cluster português que seja competitivo à escala global, num futuro próximo. A bem do setor do medicamento e de toda a economia nacional e numa lógica de que os problemas de saúde pública podem ser encarados como um desafio para a mudança.

## Que impacto está a ter a pandemia na comunidade científica e de investigação que se dedica à descoberta de novos tratamentos?

João Gonçalves – Registámos dois grandes impactos, de natureza diferente. O primeiro centra-se no facto de a pandemia ter feito parar 80% da investigação em curso, com muitos projetos a serem colocados em stand-by. Agora, será necessário tempo para que tudo volte ao normal. Já o segundo grande impacto prende-se com a reorganização do nosso trabalho. Sentiu-se a urgência de a comunidade científica dar uma resposta às necessidades da sociedade



portuguesa, em particular no campo dos testes, que não podiam ser só fornecidos pelos laboratórios privados e pelos hospitais. Assim, nós e cerca de outros vinte laboratórios científicos (vinculados a um protocolo com o Ministério do Trabalho, Solidariedade e Segurança Social) fomos forçados a reorganizar toda a nossa estrutura de investigação em prol de uma estrutura de serviços. Isto parece simples, mas as pessoas que trabalham em investigação não estão habituadas a operar no âmbito dos serviços, até porque estes pressupõem um circuito de qualidade específico.

## E tempos de resposta distintos...

Tempos de resposta e de resultados muito diversos daqueles que caracterizam a investigação. Os investigadores, por nor-

ma, podem repetir três, quatro ou cinco vezes a mesma experiência, à procura de uma consistência estatística, enquanto que neste campo dos serviços de saúde somos obrigados a fazer muita coisa, em muito pouco tempo. Ou seja, tivemos de reorganizar circuitos de trabalho internos (ainda para mais quando estamos a tratar de uma doença infecciosa) e a nossa força de trabalho. Note que na Faculdade de Farmácia contávamos com 35 voluntários, sendo que apenas oito tinham experiência na realização deste tipo de testes.

## Houve, pois, que dar formação aos colaboradores?

Formação muito acelerada, em três ou quatro dias! É certo que as pessoas que trabalham em investigação estão acostu-

madas a assimilar novos conceitos com desembaraço, mas de facto falamos aqui de uma reciclagem muito veloz, para conseguirmos chegar à rapidez de resposta pretendida pela sociedade, a partir do dia 27 de março, data em que estes laboratórios começaram a envolver-se nos testes da COVID-19.

#### **Avalia essa readaptação como muito positiva?**

Sem dúvida. Não tenho comigo, em detalhe, os números totais alcançados por esta vintena de laboratórios, mas aqui no iMed realizámos quase 13 mil testes, em sete semanas. Sabendo-se que a nossa função anterior não era esta, não deixa de ser um valor impressionante. Se, em números redondos, cada laboratório deste grupo fez perto de 10 mil testes, estamos a falar já de um total de 200 mil testes, enquanto contributo da comunidade de investigação para este grande esforço nacional. E é importante perceber que Portugal está a ganhar esta batalha contra o novo coronavírus precisamente porque foi capaz de fazer muitos testes para identificar, de modo ágil, em que locais se encontram os focos de infeção.

#### **Dito de outro modo, os investigadores portugueses ajudaram o país a ficar no topo da lista de nações onde mais se testa para o SARS-CoV-2?**

A circunstância de Portugal ser o quinto país da OCDE que mais testes de diagnóstico faz à COVID-19 por milhão de habitantes é extraordinária! É vital que as pessoas percebam que isto não se passa em todos os países, que Espanha, por exemplo, não teve a capacidade de reorganizar a sua investigação da mesma forma. Em suma, é necessário passar a mensagem de que não gastamos dinheiro em coisas que ninguém compreende, que quando acontecem situações de crise sabemos responder. Posso dizer que me arrepiei com a resposta da comunidade científica portuguesa nesta circunstância. Para quem não está habituado a este tipo de processos e de solicitação, organizámo-nos muito bem. De facto, fazer duas centenas de milhares de testes no espaço de dois meses não é para qualquer um.

#### **Contudo, para que este redirecionamento corresse bem, foi necessário abrandar ou**

#### **abandonar linhas de investigação, aqui no iMed...**

Claramente. O meu trabalho está muito ligado ao uso de anticorpos, quer para o tratamento de infeções virais, quer de cancro. É óbvio que a investigação centrada na relação entre auto-imunidade e cancro parou por completo e todas as colaborações que mantínhamos neste domínio ficaram em suspenso. Este processo que envolve «congelar» a investigação e arrancar mais tarde acaba sempre por ter um impacto negativo, a longo termo. Mas também nos deparámos com alterações positivas. Graças à resposta a uma crise de saúde pública criámos material de investigação que pode ser importante para desenvolver vacinas e novos medicamentos. Estamos, como tal, a tentar adaptar-nos e a procurar fazer das fraquezas forças.

#### **Como projeta o panorama da investigação realizada aqui no iMed, no final de 2020?**

Neste ano e em 2021 estaremos, julgo, fortemente concentrados no desenvolvimento de anticorpos para o tratamento de infeções virais, desviando o nosso foco dos tratamentos oncológicos. Do mesmo modo, os grupos de trabalho da química que estavam a desenvolver bibliotecas de compostos vão utilizar essas bibliotecas para a procura de novos anti-víricos, reorientando as suas estratégias. Na área das vacinas, a pesquisa que estava virada para para situações oncológicas deverá ser reorientada para vacinas contra vírus. Ou seja, registaremos no iMed um redirecionar completo da investigação para medicamentos e vacinas anti-virais.

#### **O SARS-CoV-2 colocou todos os holofotes nos vírus, certo?**

Nós temos um histórico muito grande no Instituto ligado ao VIH, ao influenza A e aos grandes surtos virais, com desenvolvimento de modelos de neutralização, isolamentos de vírus e anticorpos, etc. Na realidade, a questão dos vírus é muito interessante. Quando surge um destes surtos verifica-se um foco muito intenso na investigação, mas que depois abranda à medida que a emergência de saúde pública vai também cessando. E para também o financiamento, é claro, o que constitui um





## ENTREVISTA

problema sério para as nossas estruturas. É importante salientar que a generalidade dos laboratórios em Portugal não estava preparada para lidar com o SARS-CoV-2 porque não existia financiamento para linhas de investigação relacionadas com vírus. Tivemos de nos adaptar à pressa, bem à portuguesa. O que quero dizer é que o financiamento para a ciência no nosso país continua a funcionar por modas, surtos ou necessidades prementes. Certamente que agora se multiplicam os projetos nesta área patrocinados pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT) e pela Agência Nacional de Inovação, mas é quase garantido que para o ano todos esses recursos vão desaparecer! Se agora há um interesse imediato nesta área de investigação, daqui a dois meses, quando pessoas vierem descansadas para a rua e se deixar de falar do coronavírus os decisores trocam o «chip» e mudam as suas prioridades.

**Não lhe parece que vamos aprender a lição desta vez e ser mais precavidos no futuro, tal foi o susto provocado por esta doença?**

Acredito que as pessoas possam ficar mais sensíveis a esta necessidade de continuar a reinvestir no campo das doenças infecciosas emergentes, mas será apenas durante algum tempo. Para o ano que vem o número de casos de infeção será menor, devemos ter uma vacina e as pessoas ficarão convencidas de que tudo se compôs. O que é uma ilusão, porque os vírus não deixam de existir e daqui a seis ou sete anos estaremos a enfrentar outro ciclo, com um vírus diferente, porque estamos em simbiose com os vírus e somos hospedeiros contínuos. Ou seja, de forma transitória, a curto e médio prazo, vamos ter uma grande sensibilidade para estas matérias mas a minha experiência de 30 anos, em termos de investigação, diz-me que estamos aqui perante uma lógica de procura e oferta, que sem dúvida irá parar por completo lá mais para a frente.

**Tem-se abordado de maneira recorrente, na imprensa, o desenvolvimento de diagnósticos, vacinas e tratamentos eficazes para a COVID-19, na esfera internacional. Crê que poderão surgir**

**propostas de colaboração neste domínio para o iMed, por parte de empresas farmacêuticas, consórcios ou outras organizações científicas? E qual seria a vossa capacidade de resposta?**

Pensei bastante sobre essa questão nas últimas semanas. Estamos a atravessar um momento crucial, porque pela primeira vez em décadas e desde que eu inicie a minha carreira, vejo laboratórios que nada têm a ver uns com os outros e que não mantinham relações de investigação (alguns deles sem qualquer passado em termos de trabalho na área dos vírus) juntarem-se com um propósito comum. Isto é uma oportunidade, em específico, para criar e acelerar nova tecnologia capaz de desenvolver diagnósticos e medicamentos para este e para outros vírus que nos afetem no futuro. Quero, como tal, dizer que esta é uma grande oportunidade para amplificarmos e alavancarmos muita ciência que tem sido feita em Portugal. Dito isto, é essencial que a comunidade de ciência e os agentes políticos, em conjunto, consigam criar as condições ao nível dos equipamentos e da interligação entre os diferentes laboratórios para que possamos agir com rapidez, quando surgir a ameaça de outro vírus. Não estamos a falar de utopias... Nos últimos tempos, grupos de trabalho que estavam a desenvolver tecnologias de diagnóstico noutras áreas foram capazes de as adaptar ao SARS-CoV-2. Precisamos, agora, é de aproveitar este bom momento para a investigação e implementar estruturas científicas realmente produtivas, que nos permitam gerar riqueza intelectual e tecnológica que possa ser adaptada a qualquer desafio futuro de saúde.

**Dê-nos um exemplo de como esses «movimentos» adaptativos se verificaram na vossa investigação, em particular...**

Temos vindo a desenvolver uma investigação que passa por isolar anticorpos de doentes com cancro, no sentido de utilizar esses mesmos anticorpos para fins terapêuticos na área oncológica. Agora, estamos rapidamente a adaptar tal tecnologia para doentes infetados com SARS-CoV-2. Trabalhamos no presente com o Hospital Curry Cabral, com o objetivo de isolar anticorpos dos doentes que estão internados nos cuidados intensivos daquela unidade

e descobrir uma forma de potenciar esses anticorpos numa dinâmica terapêutica.

**Mas para que este tipo de avanços iniciais ganhem uma dimensão prática, se transformem em medicamentos reais, o que é preciso fazer?**

Gosto sempre de distinguir entre ciência, tecnologia e riqueza colocada à disposição da comunidade, elementos distintos mas interligados. Na minha opinião, a tecnologia faz a ponte entre o conhecimento científico e a riqueza e pode alavancar todos os desenvolvimentos que as equipas de investigadores protagonizam. Seria importante que os agentes políticos fossem capazes, nesta fase única, de partilhar esta visão, até porque nunca tiveram tantos recursos financeiros disponíveis para a ciência como no presente. Devem é perceber que os investimentos agora realizados não devem ser encaminhados para apagar os «fogos da época», mas sim para estimular coisas sustentáveis a médio e longo prazo.

**Mas vê como uma possibilidade prática surgir, no espaço de meses, um tratamento com um «carimbo» português?**

Não. Quando se fala dos anticorpos desenvolvidos por investigadores holandeses, ou israelitas, por exemplo, temos de perceber que têm origem em laboratórios com estruturas montadas em torno de uma tecnologia de base, estruturas que foram acarinhadas e financiadas durante muitos anos. Não é algo que aparece do nada.

Ora, em Portugal o investimento em ciência segue uma regra de altos e baixos e sem uma orientação estratégica. Depois, quando chegamos a estes momentos charneira não conseguimos reagir rapidamente.

**Significa isso que a comunidade de investigação portuguesa partiu já fragilizada para este desafio, inclusive pela sangria de recursos verificada nos últimos anos?**

Sim. Partimos fragilizados para a resposta ao nível do medicamento, mesmo que na área do diagnóstico tenhamos sido capazes de responder com celeridade. Repare que aqui na nossa instituição tivemos vários projetos no campo da virologia que



não foram aprovados nos últimos anos, porque os vírus não representavam uma emergência. Em causa, portanto, um claro desinvestimento. Quando, depois, se revelou necessário reativar investigação as condições não existiam, as pessoas que trabalhavam em virologia tinham-se mu-

“

**Temos vindo a desenvolver uma investigação que passa por isolar anticorpos de doentes com cancro, no sentido de utilizar esses mesmos anticorpos para fins terapêuticos na área oncológica.**



## ENTREVISTA

em dois projetos de colaboração com a indústria farmacêutica mas que já vinham atrás. Não vimos aparecer outras partes interessadas, novas empresas que manifestassem interesse em investir nas nossas linhas de investigação e julgo que o contexto não irá transformar-se até 2021.

É algo que me preocupa e me deixa apreensivo, na verdade, sobretudo quando olhamos lá para fora e notamos o número elevado de ensaios clínicos que já decorrem e que potenciam todo o conhecimento já gerado sobre a doença, ou a cooperação entre indústria e universidades, para rapidamente dar origem a um possível medicamento.

### **Mas, afinal, qual é passo que falta dar para que a nossa indústria do medicamento decida apostar mais na inovação?**

É preciso que haja pensamento estratégico de longo prazo, algo que a generalidade das empresas do setor ainda não tem. E é também importante o apoio do Estado, que nunca apoiou a indústria farmacêutica inovadora.

### **E os grandes gigantes mundiais também não têm interesse em colaborações no nosso país?**

O mercado da ciência e da tecnologia, na área dos medicamentos como noutras, é hoje global. Quando estabelecemos contacto com uma multinacional farmacêutica, o mais provável é que ela já tenha falado com dezenas de laboratórios, na China, na Coreia, no Japão ou em qualquer outro território. Estas organizações procuram, acima de tudo, um retorno rápido do investimento no medicamento. Para tal aconteça, temos de ser cada vez mais tecnológicos, porque, como lhe referi atrás, a ciência está cada vez mais dependente de equipamentos sofisticados. Resumindo, é imperioso que quando as grandes companhias nos visitam e estabelecem contacto percebam que não estamos atrás dos laboratórios de outros países. No presente, se os representantes destas empresas se deslocarem às nossas instalações e virem que trabalhamos com equipamentos de 2011 e garantimos resultados no espaço de um ano, enquanto os colegas da China, Holanda ou França garantem resultados a um mês, terão de assumir que o risco de investir em Portugal é maior.

dado para o estrangeiro. E depois temos a questão do equipamento...

### **Como assim?**

O que verificamos é um avanço tecnológico tremendo nos equipamentos de investigação. Um equipamento datado de 2012 ou 2013 não nos dará a mesma resposta que está acessível a colegas da Holanda ou de Israel, que dispõem porventura de um equipamento adquirido em 2019. É fundamental que as pessoas percebam que a investigação hoje é de cariz muito tecnológico, não passa somente pelas boas ideias que gizamos nas nossas cabeças. A meu ver, o investimento em ciência em Portugal tem sido demasiado concentrado em recursos humanos e muito pouco em estrutura e tecnologia. Longe de mim diminuir a valia dos recursos humanos em ciência, mas a verdade é que muitos destes colegas, depois de concluírem o seu doutoramento e trabalharem dois ou três anos em Portugal, acabam por ser perder para o país, emigram para outras paragens. Falta, pois, reinvestir no equipamento porque na atua-

lidade a rapidez é um fator crítico para o sucesso. Dou-lhe um exemplo muito simples: se tiver de testar dez mil compostos, durante o processo de desenvolvimento de um novo fármaco, talvez tenha de despende seis meses face à estrutura tecnológica de que hoje disponho, ao invés da semana que gastaria com recurso a um equipamento moderno, que pode custar cerca de 100 mil euros. Mas este dinheiro é um investimento sólido, que permite alavancar o conhecimento gerado e introduz competitividade face aos demais laboratórios científicos internacionais.

### **Sem nos limitarmos apenas às terapêuticas para a COVID-19, mas pensando agora num enquadramento mais geral, esta crise vem acentuar a diminuta vontade das empresas farmacêuticas colaborarem com os laboratórios científicos nacionais no desenvolvimento de novos medicamentos?**

Não me parece que a crise ou as novas necessidades em saúde tivessem alterado o panorama que tínhamos antes, francamente. Neste momento, o Instituto está envolvido

# “Envelhecer significa vencer epidemias”

O pós idade ativa significa um peso maior no PIB de Portugal mas será que a idade cronológica é um bom indicador sobre o valor de alguém? E será que os mais velhos serão menos interessantes do que os jovens para determinadas profissões?

A frase “uma população envelhece, não porque os seus membros fiquem mais doentes, mas por conseguirem vencer muitas doenças como algumas epidemias ou doenças infecciosas” é da professora do departamento de sociologia da Faculdade de Ciência Sociais e Humanas, Maria João Valente Rosa. O texto é de outubro do ano passado e foi proferido aquando da conferência da broker de seguros MDS.

A importância de saber envelhecer é tão mais relevante pelas mudanças que isso implicará nas economias sobretudo europeias, e particularmente na portuguesa. Um relatório da Moody’s citado em vários órgãos de comunicação social, indicava que se as políticas não forem mudadas de forma estrutural, registar-se-á um buraco superior a 5% do Produto português dentro de 20 anos. Em outros dois países europeus mediterrânicos, Itália e Grécia, o impacto será ainda maior e é estimado pela agência de rating em cerca de 15% do PIB. A poupança, um fator crítico de sustentabilidade do nível de vida dos pensionistas, tenderá a enfraquecer pelo facto de a pirâmide entre reformados e população ativa se inverter definitivamente. A taxa de poupança nacional tenderá a ser negativa, sendo que atualmente é das mais baixas da zona euro. E a consequência natural para o futuro será a necessidade de acesso a dívida e que será mais cara, com ratings piores, sendo que o momento atual de excesso de liquidez devido à política monetária expansionista do Banco Central Europeu terá, necessariamente, de ter um fim. Por enquanto, esse excesso de dívida ainda não é um problema devido ao grande volume de liquidez que foi lançado no mercado sem criar pressões infla-

cionistas mas, a prazo, a situação poderá tornar-se insustentável. Na zona euro a Alemanha será uma exceção com um saldo orçamental, já que na generalidade dos países europeus os saldos orçamentais tenderão a crescer negativamente à medida que o ritmo de envelhecimento da população, e consequente saída da vida ativa, se acentuar.

Numa lógica sociológica e de acordo com a professora Maria João Valente Rosa, “são os países mais avançados, do ponto de vista médico e sanitário, que apresentam maiores níveis de envelhecimento”, e este envelhecimento não é uma doença. Até porque há idade cronológica, idade biológica e idade psicológica que, de acordo com a mesma fonte, é algo subjetivo e “tem a ver como cada pessoa sente perante a idade”. No futuro, diz a autora do trabalho apresentado na con-

**Numa lógica sociológica e de acordo com a professora Maria João Valente Rosa, “são os países mais avançados, do ponto de vista médico e sanitário, que apresentam maiores níveis de envelhecimento”.**

ferência da MDS, as pessoas idosas serão mais qualificadas, habituadas a consumos mais diversificados, mais próximas das novas tecnologias e mais conectáveis, contarão com redes de apoio mais reduzidas e sabem que, em princípio, irão viver mais anos. Com esta expectativa isto significa um “menor efeito de surpresa dos ganhos de tempo de vida”. Dados da Pordata de 2018 e citados pela mesma autora, revelam que para as mulheres e aos 65 anos a esperança de vida irá aumentar 2,7 anos entre 2016 e 2013, enquanto para os homens e com a mesma idade, a expectativa é de um aumento de mais 2,8 anos. E já agora para quem nasceu em 2016, no caso das mulheres, irá viver mais 2,4 anos até 2030 e homens mais dois anos. Para os homens que nasceram em 1990 a expectativa de vida era chegar aos 70,6 anos e para quem nasceu em 2016 já ia nos 77,7 anos e quem nasça em 2030 será os 80,5 anos. Para as mulheres, a expectativa em 1990 era chegar aos 77,5 anos, para em 2016 terem a expectativa de chegar aos 83,4 anos e para quem nasça em 2030 irá chegar aos 86,1 anos. Um dado da Eurostat/Pordata sobre esperança de vida com saúde e datada de 2017 indica que a expectativa para os homens portugueses era que após os 65 anos cerca de 57 % seja considerado “não saudável” e 70% das mulheres seja “não saudável” nas mesmas condições. Este indicador, que meda a qualidade de vida, deixa Portugal muito atrás da União Europeia em que 47% dos homens de 65 anos são “não saudáveis” e 56% das mulheres estão nas mesmas condições. Já agora num comparativo com a Dinamarca, a diferença é assustadora pois a maioria de homens e mulheres chega aos 65 anos em condições de “saudáveis”.

# O que o COVID-19 nos ensina sobre o papel das farmácias

A actual situação pandémica veio tornar ainda mais evidente a vantagem de haver uma maior cooperação entre o SNS e os prestadores de saúde privados. Vejamos o exemplo concreto do papel que as farmácias já hoje desempenham como agentes do Serviço Nacional de Saúde, com um projecto já em execução e com resultados à vista: a denominada “operação Luz Verde”.

Trata-se de um projecto montado em tempo recorde pelo SNS e pelas farmácias comunitárias, em articulação com as Ordens dos Médicos e dos Farmacêuticos e com o apoio de inúmeras associações de doentes. O objectivo central é o de reduzir drasticamente o número de deslocações aos hospitais por parte de doentes em tratamento ambulatorio e, com isso, reduzir o risco de novos contágios Covid, em especial por parte dos doentes que já comportam factores de risco adicionais. Tudo isto, claro sem pôr em causa a respectiva assistência medicamentosa, da qual tantas vezes dependem para viver.

Em termos práticos, um doente que antes tinha de se deslocar ao hospital (por vezes percorrendo vários quilómetros) para levantar a sua medicação, pode agora indicar uma farmácia comunitária da sua preferência e serem-lhe aí dispensados os medicamentos.

Sem investimento financeiro (ou apenas marginal), conseguem-se, de uma assentada, ganhos substanciais em saúde para os doentes, com a diminuição dos riscos de contágio ou de interrupção da terapêutica, ganhos de organização e gestão, com o descongostamento de serviços hospitalares, e ganhos conceptuais para o sistema de saúde português, com a consolidação devidamente testada em cenário crítico de uma solução integrada de cooperação entre SNS e privados.



**Eduardo Nogueira Pinto**

Sócio e coordenador da área de Saúde, Ciências da Vida e Farmacêutico da PLMJ

Este resultado é possível porque, em muitos domínios, Portugal já está dotado daquilo que mais importa e mais tempo leva a adquirir: conhecimento, estrutura e experiência. O que falta – e desejavelmente esta situação terrível mas transitória ajudará a desbloquear – é uma vontade firme de ultrapassar as resistências que o próprio sistema vai criando a que se ande para a frente com soluções deste tipo em tempo de normalidade. A

“Operação Luz Verde”, com este ou outro nome, é um caminho que faz todo o sentido hoje, como já fazia antes e continuará seguramente a fazer depois de a pandemia passar. O tempo é o certo para equacionarmos o reforço da ligação das farmácias ao SNS e que formas deve assumir, com ganhos de qualidade em saúde para todos.

[www.plmj.com/pt/](http://www.plmj.com/pt/)



Por Tiago Caeiro

**ENTREVISTA**

José Aranda da Silva,  
Fundação para a Saúde SNS

# “É necessário olhar (...) para o apoio à investigação clínica e tecnológica”

É possível que algumas das dificuldades de acesso a terapêuticas inovadoras se agravem. O Infarmed tem de aproveitar a experiência da pandemia e reorganizar-se, tornando-se mais eficiente e principalmente mais transparente, diz o presidente da Fundação para a Saúde SNS.

### **deve à solidez e resiliência do nosso SNS?**

O SNS foi sujeito, nos vinte últimos anos, a diversas tentativas de desmantelamento, que se agravaram na última década. Essas “provas de stresse” criaram muitas dificuldades no seu funcionamento, com insuficiências na renovação de equipamento e desorganização de carreiras profissionais, as quais provocaram desmotivação (com emigração e migração para o setor privado de muitos quadros qualificados).

Apesar do que referi, o SNS continuou a ser a única estrutura de saúde de acesso universal e com cobertura nacional que estava em condições para responder à ameaça da pandemia. Os sistemas de saúde não estavam preparados para esta grande ameaça, em nenhuma parte do mundo, nomeadamente nos países mais desenvolvidos. O SNS, em Portugal, conseguiu dar a resposta adequada às circunstâncias.

Mostrou, apesar das dificuldades estruturais, com a resiliência e espírito de missão dos seus profissionais – médicos, enfermeiros, farmacêuticos, técnicos de diagnóstico, auxiliares operacionais – nos hospitais, nas diversas unidades dos cuidados primários de saúde, na rede de saúde pública e nas farmácias, que estava à altura do desafio.

### **Em comunicado, a FSNS sublinhou que a pandemia “evidenciou fragilidades, insuficiências e problemas, mas também mobilizou vontades e esforços” e que dela “decorrem muitos ensinamentos” para mudar o SNS no futuro. Que ensinamentos são esses?**

Como já tínhamos vindo a defender, nas reuniões realizadas no ano passado e nas nossas tomadas de posição públicas, o SNS foi vítima de uma suborçamentação crónica que comprometeu a gestão equilibrada das respostas públicas, possíveis e necessárias, às necessidades dos cidadãos. Esta é uma das questões que tem de ser encarada a curto prazo. Será necessário um orçamento retificativo, compensador do impacto da pandemia, possivelmente financiado pela União Europeia, que permita a concretização do orçamento aprovado para 2020.

Temos de entrar num novo ciclo de reestruturação do SNS. Uma das medidas ur-

gentes é regulamentar a Lei de Bases da Saúde (aprovada em 2019) e dotar o SNS de um novo Estatuto.

O sistema de saúde e o SNS em particular devem adaptar-se às modificações demográficas, socioculturais, epidemiológicas, de mobilidade internacional, de diversidade étnica e cultural, de inovação digital e tecnológica, bem como a uma sociedade com cidadãos mais informados, exigentes e participativos. E, neste contexto, devem ser preocupações prioritárias a literacia em saúde, a promoção da saúde e os cuidados preventivos, comprovadamente eficazes.

O tratamento das doenças deve deixar de ser fragmentado, desarticulado e, nalguns casos, desadequado. As instituições e as equipas de saúde devem cooperar, comunicar e interligar-se melhor entre si.

O SNS não pode continuar estruturado nas tradicionais instituições de saúde, nem estar predominantemente centrado no tratamento de doenças. A integração dos cuidados centrados no doente, a todos os níveis, é fundamental.

A crise comprovou que o SNS tem na sua organização loco-regional um conjunto de organizações que podem responder às necessidades em cuidados de saúde dos cidadãos, mas é urgente ultrapassar os constrangimentos que impedem que os cidadãos o percecionem como um património seu e sejam atores na sua defesa, transformação e desenvolvimento.

### **É sabido que apenas deixaremos de viver neste estado de permanente insegurança (sanitária, económica, social) quando estiverem acessíveis vacinas e terapêuticas eficazes contra este coronavírus. Portugal e as instituições portuguesas podem dar um bom contributo para este objetivo, há know-how e capacidade para o fazer?**

Como afirmámos num comunicado emitido a 20 de maio, devemos evitar que se cometam erros e que se “levante a guarda”, mantendo-se as medidas básicas de higiene, distanciamento e proteção individual que nos permitiram chegar até aqui nestas condições.

Devemos pautar as nossas atitudes individuais em função do conhecimento que obtemos do que se passa a nível local, na nossa zona de residência ou trabalho,

**J**osé Aranda da Silva, presidente da Fundação para a Saúde SNS (FSNS), primeiro presidente do Infarmed e durante uma década conselheiro do Centro Europeu de Prevenção e Controlo de Doenças (ECDC), acredita que o Serviço Nacional de Saúde (SNS) conseguiu dar uma resposta positiva à fase inicial da pandemia, mas alerta que o país deve evitar erros como levantar a guarda cedo de mais. Relativamente ao esforço de recuperação económica que se adivinha, Aranda da Silva julga que o setor do medicamento pode dar um importante contributo, desde que haja apoio à investigação clínica e tecnológica.

**Portugal tem sido apontado, a nível internacional, como um caso exemplar no combate a esta pandemia. Em que medida tal êxito se**

pois a situação a nível regional é muito heterogénea, o que implica a adoção de comportamentos inteligentes e adequados a cada situação concreta. Essas serão, nos próximos meses, as medidas essenciais para controlar a pandemia.

As instituições portuguesas da comunidade científica e académica, assim como o Infarmed, trabalham em rede a nível europeu e mundial e, naturalmente, dão os seus contributos. A nível europeu a Agência Europeia do Medicamento (sediada na Holanda) e o ECDC (sediado em Estocolmo) trabalham com base numa rede de peritos dos vários países e estão atentos e interventivos neste processo. Nesta área, podemos dizer que estamos na linha da frente com os outros países europeus.

**Teme que as dificuldades financeiras que nos esperam possam vir a degradar as condições de tratamento dos doentes portugueses, que dificultem o seu acesso a medicamentos essenciais ou a terapêuticas inovadoras?**

É possível que algumas das dificuldades de acesso a terapêuticas inovadoras se agravem. Penso que o Infarmed, nesse capítulo, tem também de aproveitar a experiência da pandemia e reorganizar-se, tornando-se mais eficiente e principalmente mais transparente e coerente no processo de decisão sobre o financiamento dos medicamentos inovadores.

Não nos devemos esquecer, no entanto, que em período de pandemia e com algumas dificuldades de abastecimento, nomeadamente de matérias-primas vindas do Oriente, os medicamentos essenciais que são utilizados por mais de 80% da população não faltaram. O trabalho do Infarmed, com o apoio do Laboratório Militar e em colaboração com a rede de mais de 15 laboratórios produtores de medicamentos instalados em Portugal (que são fundamentalmente exportadores), conseguiu assegurar uma reserva estratégica dos medicamentos essenciais, que nunca faltaram nas farmácias.

**O fantasma da desigualdade, que tem encontrado um antídoto tão poderoso no SNS, surge no horizonte?**

Os estudos publicados pela Escola Na-

cional de Saúde Pública, no âmbito da pandemia, revelam que foram as populações mais carenciadas que mais foram afetadas.

A crise económica pós-pandemia vai ter consequências sociais muito graves e que exigem medidas excecionais e diferentes das associadas à crise financeira da última década. As teorias ultraliberais que dominaram as medidas de então foram ultrapassadas pela realidade dos factos das políticas aplicadas em Portugal. Atualmente, a crise é igual em todos os países pelo que a nível da União Europeia são necessárias medidas realistas, sem complexos ideológicos já ultrapassados pela realidade. Se a União Europeia não responder adequadamente às necessidades dos países terá os dias contados.

Mais uma razão para que se reforce o desígnio constitucional de um SNS forte, universal e equitativo no acesso e também mais participado.

**O setor do medicamento tem mantido uma posição chave na nossa economia, ao longo das últimas décadas, ainda que muitas vezes sem a ligação ideal à nossa comunidade científica e à academia. Os projetos colaborativos podem ser uma saída, no meio desta crise de saúde pública?**

Hoje, na área da saúde, temos uma rede de investigação muito importante e arti-

culada, temos indústrias exportadoras de medicamentos e dispositivos médicos e, nos últimos anos, um aumento da investigação clínica. As empresas e instituições da saúde têm uma organização ativa e interveniente através do Health Cluster Portugal.

Estão assim reunidas as principais condições para que aumentem os projetos colaborativos na área da saúde. Julgo que terá de haver maior colaboração institucional entre a saúde, a ciência e a economia.

**Que papel poderá a indústria farmacêutica ter, nesta empreitada difícil que temos pela frente, de reerguer o país?**

Em Portugal temos diversos tipos de indústria farmacêutica. Antes de mais, as grandes companhias internacionais, que operam no mercado global e são fundamentalmente companhias que trazem para o mercado medicamentos inovadores.

Estas companhias em Portugal investem fundamentalmente na investigação clínica em colaboração com a academia e diversas instituições de investigação da área da saúde.

Portugal tem, por outro lado, uma razoável capacidade instalada de medicamentos essenciais, sendo também este um importante pilar da exportação nacional, para o qual concorrem companhias como Azevedos/Sofarimex, Atral, Bial, Bluepharma, Basi/FHC, Generis, Iberfar, Fresenius, Lusomedicamenta, Medinfar ou Tecnimede, citando apenas as mais importantes indústrias que operam neste sector em solo nacional.

No que toca à produção de matérias-primas a Hovione (com instalações em Macau e EUA) e a Cipan são as únicas empresas que produzem um limitado número de substâncias ativas farmacêuticas (APIs).

Os Laboratórios Bial têm lançado no mercado produtos inovadores e muitos dos outros laboratórios fazem investigação tecnológica e, para além de produtos, exportam know how. Todas estas empresas têm um papel importante, pelo que é necessário olhar de forma mais atenta para o apoio à investigação clínica e tecnológica de forma a que este cluster se desenvolva.

“

**Temos de entrar num novo ciclo de reestruturação do SNS. Uma das medidas urgentes é regulamentar a Lei de Bases da Saúde (aprovada em 2019) e dotar o SNS de um novo Estatuto.**

# Produção da matéria-prima para medicamento tem de voltar à Europa

ENTREVISTA

## Quais são os principais desafios que existem ao nível da regulamentação legal para a indústria farmacêutica?

Os desafios da regulamentação legal correspondem sempre aos desafios da própria indústria farmacêutica. E nesse domínio há desafios que vêm de longe e outros mais recentes, até suscitados ou potenciados pela situação de pandemia que estamos a viver. É evidente que o acesso à inovação continua a ser um dos desafios mais antigos e relevantes. Aqui a regulamentação tem um papel importante a desempenhar, criando mecanismos que garantam o acesso universal, por todos, aos medicamentos inovadores. Não deixa de ser um objetivo ambicioso e de difícil concretização mas é óbvio que só pode garantir-se um acesso equilibrado através de um claro compromisso ético e de mecanismos transparentes, sendo esses princípios éticos refletidos efetivamente na regulamentação.

## E que outros desafios?

Também as regras aplicáveis ao acesso dos profissionais de saúde à informação e sobretudo à formação, continuam a gerar algumas dificuldades. Aqui a regulamentação tem sido cada vez mais restritiva, refletindo a ideia pernicioso de que toda a formação é marketing, o que obviamente está muito longe de corresponder à realidade. Isto relaciona-se com um problema crónico, que é também um importante desafio e que passa pela suborçamentação do SNS. É óbvio que se essa suborçamentação não existisse a regulamentação não precisava de funcionar quase como um instrumento ao serviço do controlo da despesa com o medicamento. As regras que cada vez mais limitam o modo como a formação pode ser proporcionada aos profissionais de saúde, bem como a publicidade ao medicamento, acabam por estar bastante condicionadas pelo propósito de limitar a despesa com o me-



**Nelson Raposo Bernardo**  
Managing Partner da Sociedade  
de Advogados Raposo Bernardo & Associados

dicamento. Seria importante que a regulamentação se libertasse dessa condicionante, mas obviamente isso só acontecerá quando o SNS tiver um orçamento mais consentâneo com as necessidades reais da saúde.

## Num contexto pós-Covid19, vamos assistir ao surgimento de novos desafios para o setor?

Sem dúvida que sim. A dimensão gigantesca desta pandemia permitiu que nos apercebêssemos do risco mundial que significa ter a maior parte da produção da matéria-prima, a chamada API (Active Pharmaceutical Ingredient) concentrada massivamente na Ásia, repartida entre a China e a Índia. E como sem essa matéria-prima de base toda a produção do medicamento fica comprometida, creio que a

consciência do perigo se tornou suficientemente evidente para que passe a constituir um desafio imediato repositonar a produção da matéria-prima na Europa ou pelo menos em zonas geográficas que permitam algum controlo sobre a capacidade de garantir a produção.

## Pode ser uma oportunidade para Portugal?

Pode não ser fácil mas pode não ser impossível. Já temos em Portugal um excelente exemplo de uma empresa de capitais portugueses que é reconhecida mundialmente na produção da matéria-prima de base para o medicamento. Sem dúvida, a criação dos incentivos necessários associada a uma demonstração clara de que se pretende acolher essa componente da produção do medicamento poderiam contribuir como fatores de atração. Isso permitiria também contribuir para a concretização do tão ambicionado cluster da área da saúde.

## Vê outros fatores que pudessem contribuir para Portugal se posicionar para receber essa produção?

Sim, aqui uma regulamentação adequada, que dê garantias seguras de qualidade do produto, pode contribuir como mais um fator de atração. Isso tem a ver com outro problema que a pandemia revelou e que diz respeito, em alguns casos, a uma certa falta de qualidade da matéria-prima produzida na China. A aquisição inicial do know how para a produção não é garantia de que esta irá manter sempre os mesmos padrões de qualidade, e é evidente que também este aspeto contribui para reforçar o desafio que a indústria terá necessariamente que resolver e que passa pelo reposicionamento geográfico da produção da matéria-prima, de maneira a que num próximo evento crítico o risco de afetação da produção seja o mais reduzido possível.

# A incerteza é a única certeza no sector da saúde - desafios para a próxima década



## CÉU MATEUS

Professora Catedrática de Economia da Saúde, Universidade de Lancaster, Reino Unido. Presidente da Direcção da Associação Portuguesa de Economia da Saúde

No dia 1 de Janeiro de 2020, nem nos nossos sonhos mais loucos prevíamos que, passadas 12 semanas, mais de 4 milhares de milhões de pessoas estariam confinadas em casa. Mas hoje, quando muitos de nós já passaram mais de um terço de 2020 confinados em casa, como pensamos que vai ser 2020? O mundo não esteve em pausa, embora seja essa a nossa sensação, e a realidade fora de portas, para onde temos tanta vontade de voltar, será muito diferente daquela que deixámos. Por um lado, esta afirmação é um lugar comum, por outro lado, ainda não percebemos o quão diferente será. Contudo, de uma coisa podemos estar certos, vai ser um mundo onde o novo coronavírus e a COVID-19 estarão presentes ainda por muito tempo. Mas também será um mundo em que muitos dos desafios que temos estado a enfrentar vão ter que ser rapidamente resolvidos e as oportunidades criadas pelas alterações profundas deverão ser aproveitadas.

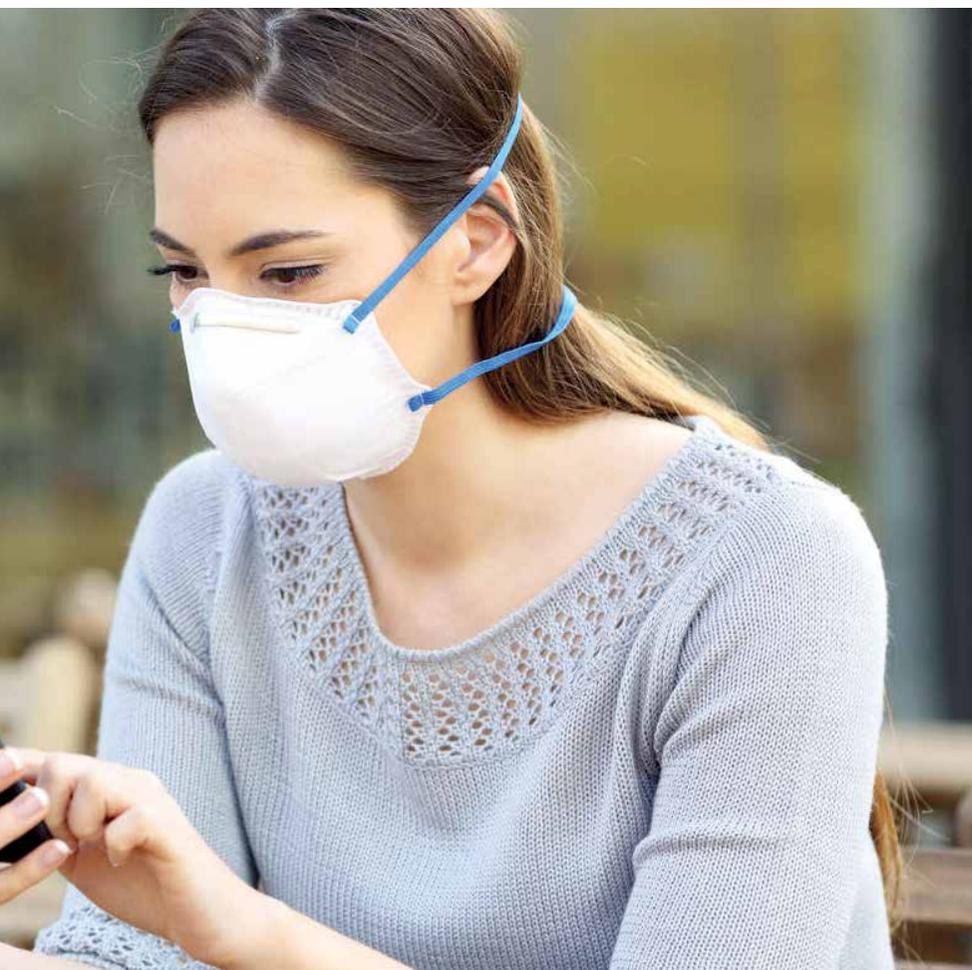
Aprender a conviver com o novo coronavírus é um desafio para o mundo. Aprender a conviver com o novo coronavírus é um desafio para Portugal. E é um desafio para todos os portugueses. O sector da saúde tem sido fulcral na

resposta à pandemia e é nele que assentam as nossas esperanças para ultrapassar com sucesso o desafio que temos perante nós. Como pode o sector da saúde contribuir para o sucesso da recuperação durante os próximos tempos? Na minha perspetiva, este sucesso depende da nossa capacidade de mudar em três áreas cruciais: 1) prestação de cuidados de saúde; 2) sector do medicamento; 3) investigação e inovação.

A área da prestação de cuidados de saúde sofreu uma grande mudança entre Março e Maio de 2020. Se até agora havia grande resistência à prestação de consultas à distância, quer da parte dos profissionais, quer da parte dos doentes, neste momento uma grande parte das barreiras está eliminada. É verdade que alguns sítios estavam melhor equipados do que outros, mas até utilizando apenas o telefone, houve consultas à distância. Está claramente aberta a porta para a telemedicina. É importante que agora se saiba investir na infraestrutura necessária que permita a prestação de cuidados de qualidade. A infraestrutura passa pela aquisição de smartphones ou tablets pelo Serviço Nacional de Saúde, que possibilitem a utilização de aplicações com câmara para que o médico possa ver o doente e o doente possa ver o médico. Como parte desta infraestrutura, não pode ser descurado o investimento na rede 4G ou 5G nem na segurança da rede, não podendo as questões de segurança da rede, necessariamente relevantes, ser utilizadas como desculpa para não se avançar. Deve ainda ser considerada a questão da recolha de dados associados aos cuidados prestados. Foi evidente como é vital ter acesso a informação fiável em tempo útil. O processo clínico eletrónico tem sofrido revezes em todos os países, porque em muitos aspetos reproduz o processo clínico



em papel, também de baixa qualidade na generalidade dos países. É chegado o momento de investir em sistemas de recolha de informação clínica automáticos ou semiautomáticos operados por voz. No mundo das Siris, Cortanas e Alexas, não faz sentido que ainda se tenha que escrever tanto nos contactos entre os profissionais de saúde e os doentes, tornando o processo de registo de informação moroso e aborrecido. Um dos contributos mais significativos da inteligência artificial na saúde passa certamente pela utilização de sistemas de voz fiáveis para recolha e registo de informação clínica. No sector do medicamento também em semanas se fez o que antes não se tinha conseguido fazer em anos. Através da conjugação de esforços e vontades de todos os parceiros do sector foi possível concretizar a “Operação Luz Verde”, onde é garantido o acesso à medicação em tempo útil a todos os doentes crónicos a fazerem terapêuticas até agora dispensadas a partir das farmácias hospitalares. Foi possível demonstrar que doentes com



**Antecipando-se uma redução do PIB em todos os países do mundo, podemos assumir que a capacidade de continuar a pagar preços crescentes pela inovação que chega ao mercado vai estar bastante reduzida.**

cancro, VIH/SIDA, esclerose múltipla, artrite reumatóide, ou outras doenças crónicas, podem receber os medicamentos hospitalares numa farmácia mais perto de casa ou no domicílio, evitando deslocações desnecessárias ao hospital. Este processo facilita a vida dos doentes e das suas famílias, reduzindo o impacto negativo que a doença acarreta e promovendo a adesão à terapêutica. Esta mudança dá mais visibilidade ao farmacêutico comunitário na rede de prestação de cuidados aos doentes. Aproveitar esta dinâmica agora criada permite libertar recursos nos hospitais, sem pôr em causa a qualidade dos cuidados que os doentes recebem. As questões associadas à investigação e inovação são as que mais desafios vão colocar. São as que carecem de maior pensamento estratégico e capacidade de liderança. Portugal tem recursos humanos e técnicos que não nos devem fazer temer a capacidade de inovar. Porém, costumamos falhar na capacidade de planeamento e execução. E, no futuro próximo,

ambas serão fundamentais. Vamos estar a operar em cenários de escassez de recursos e constrangimentos financeiros desconhecidos até ao momento.

Atualmente, uma fração considerável da capacidade humana, técnica e financeira de investigação está afeta à procura de soluções para o tratamento ou prevenção da COVID-19. O sucesso da investigação é feito de muitos insucessos, o que nos deve levar a pensar que é bastante provável que passe pelo menos um ano antes de conseguirmos ter uma vacina. Até lá, o que acontece a toda a outra investigação que estava a decorrer? As outras doenças, e os outros doentes, não desapareceram mas foram colocados em suspenso... E que preço terá uma vacina que requer tantos recursos?

Antecipando-se uma redução do PIB em todos os países do mundo, podemos assumir que a capacidade de continuar a pagar preços crescentes pela inovação que chega ao mercado vai estar bastante reduzida. Ao mesmo tempo, podemos assumir que os cidadãos vão considerar que a investigação em vacinas, ou tratamentos, para zoonoses e outras doenças infecciosas, é mais importante do que a investigação na procura de tratamentos para doenças raras, por exemplo. Hoje seria possível aos pais da Matilde angariar dois milhões de euros para o tratamento da filha com Zolgensma? De que forma serão os decisores políticos capazes de alinhar objetivos sociais de longo prazo com o medo que condiciona as preferências atuais dos cidadãos?

No entanto, não nos podemos esquecer que a saúde de uma população não depende apenas dos cuidados de saúde que são colocados ao seu dispor. As desigualdades sociais que se vinham a agravar em todo o mundo, e que têm sido óbvias na infeção e mortalidade por COVID-19, vão persistir, e agravar-se, num cenário de crise económica e financeira. É preciso aproveitar a energia disruptiva da pandemia para criar mecanismos que protejam os mais pobres, os mais doentes e os mais velhos. A recuperação bem sucedida passa pela redução das desigualdades em saúde e por substituímos os planos de reação dos últimos meses por planos de ação para a próxima década.

# “(Haverá) reorganização do contexto da indústria farmacêutica”

“Teremos algo que eu penso que será desejável, útil: empresas localizadas na Europa (e inclusive empresas portuguesas) a serem solicitadas a produzir para outras empresas, para reforçar a tal capacidade europeia”, afirma o presidente do INFARMED, Rui Ivo.

**E**m entrevista exclusiva, o presidente do conselho diretivo do INFARMED – Autoridade Nacional do Medicamento e Produtos de Saúde, Rui Ivo, analisa o impacto que a pandemia da COVID-19 teve no sistema de saúde português e no mercado do medicamento nacional, o trabalho que tem vindo ser feito para evitar que os portugueses utilizem equipamentos de proteção individual inadequados, os perigos das «curas milagrosas» que tomaram conta do espaço virtual e a importância de concretizar ensaios clínicos no nosso país com fármacos que podem ser eficazes contra o SARS-CoV-2. Acredita, ainda, que a inovação terapêutica não será prejudicada na fase pós-pandemia e que a Europa poderá sair revitalizada desta crise e menos dependente de outros continentes para a produção de medicamentos.

**A pandemia gerada pelo SARS-CoV-2 introduziu novas variáveis na prestação de cuidados de saúde e na vida em sociedade, em particular no que respeita ao uso generalizado de equipamentos de proteção individual, com todas as implicações óbvias em termos de certificação, segurança e garantia de qualidade num mercado que não estava preparado para estas necessidades. Esta tem sido uma preocupação fundamental do INFARMED nos últimos meses?**

Efetivamente, tem sido uma preocupação fundamental do INFARMED. É evidente que não tem sido a única preocupação, porque esta pandemia, pela sua particu-

laridade, obrigou a que todos nos adaptássemos a uma nova realidade que é complexa e, neste sentido, as instituições também tiveram que fazer a sua adaptação, em especial instituições da área da saúde, com responsabilidades particulares no combate à pandemia. E foi isso que o INFARMED teve que fazer. É claro que, no que diz respeito aos equipamentos de proteção individual e aos dispositivos médicos, houve aqui um reforço da nossa intervenção, porque têm um papel muito importante no âmbito da prestação de cuidados de saúde. O INFARMED teve que dar todo o seu contributo para

que estes equipamentos pudessem não só estar disponíveis, mas também estar disponíveis de acordo com as regras que devem cumprir. Mas a nossa intervenção obviamente não se focou apenas nesta área, porque também temos uma responsabilidade muito fundamental no que diz respeito ao acesso ao medicamento. Essa foi outra grande prioridade, no sentido de que também as unidades de cuidados de saúde pudessem dispor dos medicamentos de que necessitavam, em particular aqueles que podem estar mais dirigidos ou ser mais necessários no tratamento dos doentes afetados por SARS-CoV-2.

Foi nesses dois eixos em que intervimos de forma mais vinculada, assim como em tudo aquilo que lhes está associado, como a comunicação aos profissionais de saúde, a todos os agentes do circuito do medicamento e dos dispositivos médicos, com vista a trabalharmos de uma forma coordenada. De facto, assim o fizemos, com um trabalho muito articulado que creio ter estado a dar bons resultados, com os médicos, farmacêuticos, distribuidores, farmácias e associações de doentes. Todos em conjunto para dar a melhor resposta à prestação de cuidados de saúde. Dou aqui como exemplo a dispensa de medicamentos normalmente disponíveis apenas nas farmácias hospitalares, cuja entrega foi assegurada no domicílio do doente, seja diretamente pelos hospitais, seja através das farmácias comunitárias. Evitámos, assim, a necessidade de as pessoas se deslocarem apenas para esse efeito aos hospitais, serviço que mereceu

“

**A introdução também de legislação específica, para dar resposta à produção interna, veio criar um reforço importante na disponibilidade deste tipo de produtos, dispositivos médicos e equipamentos de proteção individual.**



excelente acolhimento pelos cidadãos portadores destas doenças.

**Nesta fase, diria que a situação em Portugal é estável, no que concerne ao acesso a equipamentos de proteção individual certificados, ainda para mais com o aumento da produção interna?**

Sim, eu direi que sim. Julgo que a introdução também de legislação específica, para dar resposta à produção interna, veio criar um reforço importante na disponibilidade deste tipo de produtos, dispositivos médicos e equipamentos de proteção individual. Esta realidade é também possível na sequência de uma orientação que a Comissão Europeia emitiu. Neste momento, temos para além da aquisição no mercado mundial – que é um mercado que está um pouco em esforço porque todos os países necessitam de adquirir estes materiais – a possibilidade de ter várias empresas portuguesas que puderam passar a intervir neste âmbito, o que leva a que consideremos a situação como estável. Neste âmbito, a Direção Geral da Saúde, o INFARMED, a Autoridade de Segurança Alimentar e

Económica (ASAE) e o Instituto Português da Qualidade (IPQ), prepararam orientações sobre os níveis de utilização destes equipamentos, definindo a utilização dirigida a profissionais de saúde, que requerem um nível mais elevado de equipamentos, em termos da sua classificação, os outros profissionais que estão em contacto frequente com o público, nomeadamente as forças de segurança e outros, e depois as utilizações dirigidas ao público em geral, e que puderam ser consubstanciadas sobretudo, nas denominadas máscaras sociais. Toda esta articulação e definição contribuíram para que pudéssemos ter uma situação mais estável no nosso país.

E, claro, não devemos deixar de referir a constituição da Reserva Estratégica do Medicamento, Dispositivos Médicos e Equipamentos de Proteção Individual (REM), resultante de trabalho conjunto de uma task force do Ministério da Saúde, bem como a colaboração com outras entidades como a ASAE, o IPQ, a Autoridade Tributária (AT) e o apoio essencial do Laboratório Militar, que foi central nesta fase de resposta nacional à pandemia.

De salientar, também, o tecido empresarial nacional que tem revelado uma notável capacidade de reconversão e adaptação da sua atividade ao contexto de resposta à COVID-19, em particular os setores têxtil e do calçado. As empresas nacionais têm dado uma boa resposta às necessidades do país e desenvolvido capacidade exportadora de equipamentos de proteção individual, em especial para os países africanos de língua oficial portuguesa.

**É previsível que com o avançar do tempo – sem vacinas ou terapêuticas aprovadas para esta patologia – aumente o risco da procura de substâncias não aprovadas no âmbito da COVID-19. Está convicto de que nos próximos tempos se avolumarão as propostas terapêuticas menos sérias? O INFARMED vai dar especial atenção a estes fenómenos?**

Como referi, um dos pontos de prioridade que está na matriz da nossa missão é o medicamento, o medicamento no seu acesso, o medicamento na garantia da sua qualidade, da sua segurança e da sua eficácia, e temos tido uma grande preocupação em alertar, quer os profissionais de saúde,

quer o público, para não utilizarem medicamentos que não tenham as indicações para as quais possam estar a ser utilizados, ou qualquer nível de evidência, mas também para a possibilidade de aparecerem produtos que possam reivindicar a condição de medicamentos e não o sejam. É evidente que sabemos que estas situações em que não dispondo de terapêuticas específicas, nem vacinas, nem tratamentos, podem levar ao aparecimento de produtos, nomeadamente através da internet, com a pretensão de poderem ser úteis no tratamento da COVID-19. Esse tipo de situações combatemo-las com muito afinco, e temo-lo feito através de diferentes intervenções e comunicações várias. Temos difundido dados junto de todas as entidades relevantes e publicado, através das redes sociais, a importância de que não sejam utilizados medicamentos adquiridos sem controlo através da internet, fora dos circuitos legais para o efeito, e que só sejam utilizados aqueles que são indicados pelos profissionais de saúde, nomeadamente o médico. Dito isto, estamos claramente agora focados, no acompanhamento, isso sim, das terapêuticas que estão em desenvolvimento, as novas vacinas e os novos medicamentos. Sobre esses novos fármacos também temos difundido ampla informação, que está publicada na nossa página da internet, informando sobre a evidência disponível, seja para fármacos experimentais, seja para utilização off-label.

**E no que respeita aos testes rápidos falsificados, de que tanto temos ouvido falar? A situação está controlada?**

Eu creio que a situação está controlada. Também fizemos um alerta sobre o assunto, porque queremos que exista a noção desse risco. Quando se começa a falar de testes que, aparentemente, poderão ser simples de utilizar, pode haver essa possibilidade. Como tal, há que alertar que a utilização dos testes deve ser sempre aquela que é recomendada pelas autoridades. Aqui, como noutras áreas, tem havido uma grande coordenação entre as três instituições que têm responsabilidade nesta matéria (para além do INFARMED, a DGS e o INSA). Sobretudo na parte de utilização temos procurado esta articulação e até posso dizer que estamos a pu-

blicar orientações adicionais sobre este assunto. Posso, ainda, afirmar que não temos nenhuma situação em Portugal de testes falsificados identificados.

**A desinformação junto da opinião pública acerca de métodos de diagnóstico da COVID-19, bem como de hipotéticos tratamentos, tem sido considerável. Acredita que o INFARMED tem conseguido contrariar esta dinâmica e manter bem informados os cidadãos?**

Nós fazemos tudo para que os cidadãos estejam o mais bem informados possível. Não só os cidadãos, mas também os profissionais de saúde. Isso é patente nas comunicações que temos feito, desde a participação nas conferências de imprensa do Ministério da Saúde às intervenções nos meios de comunicação social, e sobretudo na informação que difundimos. É claro que esta preocupação que procuramos ter, de forma sistemática e muito rigorosa, também é feita em conjunto com as demais instituições. É muito relevante sabermos que em matérias com esta complexidade e imprevisibilidade estamos a trabalhar numa área em que há muita incerteza, muita informação que nos falta. Existe muito trabalho que está a ser feito para termos mais conhecimento e é importante relevar a articulação entre as instituições. Considero que no âmbito do Ministério da Saúde essa articulação tem sido bastante visível e julgo que o trabalho desenvolvido em conjunto tem obtido muito bons resultados.

“

**Nós fazemos tudo para que os cidadãos estejam o mais bem informados possível. Não só os cidadãos, mas também os profissionais de saúde.**





**No final de Abril foi divulgado um projeto de implementação de dois ensaios clínicos a desenvolver em Portugal no âmbito da COVID-19, intitulados Solidarity e Discovery...**

**O que podemos esperar, exatamente, destas investigações e que vantagens diretas trarão para os portugueses?**

Um destes estudos é desenvolvido sob a égide da OMS e o outro sob a égide do Instituto Francês de Investigação Médica – INSERM. Surgem na linha do que afirmei anteriormente, isto é, procurar ter mais evidência sobre os tratamentos disponíveis. Sabendo nós que na área da COVID-19 não existe nenhuma terapêutica específica aprovada, é importante podermos gerar conhecimento e dados que obviamente irão beneficiar os portugueses e toda a população mundial. Estes ensaios abrangem medicamentos que já estão autorizados para outras doenças e, portanto, aqui estamos basicamente a estudar o seu potencial para outra doença distinta. Estou a falar concretamente de dois antirretrovirais, o Lopinavir e o Ritonavir e da Hidroxicloroquina, bem como de um novo fármaco que está em desenvolvimento, o Remdesivir. São essencialmente estes os fármacos que irão ser objeto de estudo nas instituições portuguesas, com cerca de 15 centros hospitalares envolvidos. O processo, aliás, já está em marcha.

**Em resultado da contração económica que se espera para o resto de 2020 e para 2021, será natural que o número total de pedidos de autorização de introdução no mercado (AIM) de novos medicamentos venha a decrescer num futuro próximo? Preocupa-p também o hipotético retrocesso da inovação terapêutica?**

Não tenho a certeza absoluta se teremos esses efeitos. Seguramente vamos conhecer fenómenos de reorganização de todo o contexto da indústria farmacêutica, porque é certo que esta nova realidade terá levado a que determinados estudos, ensaios que estavam a ser desenvolvidos, tenham sido eventualmente reduzidos na sua rapidez, ou impedidos de prosseguir. Também a este nível houve alguma simplificação dentro dos limites do que era possível, simplificação de procedimentos para que esses ensaios clínicos não se atrasassem.

Por outro lado, vamos ter mais estudos dirigidos à COVID-19 e, como tal, haverá com certeza aqui alguma compensação. Acredito, também, que se observe uma reorganização do panorama da indústria, nomeadamente pelo facto de termos percebido que a dependência externa da Europa não é uma dependência saudável. Aliás, como é do conhecimento geral, as próprias instituições europeias (desde a Comissão Europeia até às outras instituições, como o Parlamento Europeu) também já suscitaram a necessidade de criar ou desenvolver medidas para contrariar esta realidade. Isto é, trazer de novo mais capacidade produtiva para a Europa, seja de medicamentos, seja de dispositivos médicos e equipamentos. Sem esquecer também o reforço da própria investigação. Há hoje um número elevadíssimo de projetos que podem e irão ser financiados, uma mobilização de meios financeiros muito significativa. Portanto, com tudo isto em consideração, eu direi que provavelmente o resultado seja até o aumento de volume de trabalho no INFARMED.

Teremos algo que eu penso que será desejável, útil: empresas localizadas na Europa (e inclusive empresas portuguesas) a serem solicitadas a produzir para outras empresas, para reforçar a tal capacidade europeia. Isto no sentido de podermos ter multinacionais que, ao quererem reforçar a sua capacidade instalada na Europa, vão recorrer a contratos de produção de empresas que já estão sediadas no continente europeu. Tudo isso vai implicar trabalho no INFARMED, porque se existirem novos fabricantes, alterações nos atores, obviamente que isso gera novos pedidos de autorização, ou de alteração aos pedidos iniciais de autorização de medicamentos.

**E a redução de stocks de medicamentos específicos, face ao decréscimo de agentes no mercado ou desinteresse económico por determinadas moléculas, é um problema que se pode acentuar?**

Neste momento, o INFARMED não dispõe de informação que permita concluir quanto a uma eventual redução de agentes do setor farmacêutico. Pelo contrário, a resposta das empresas farmacêuticas e da comunidade científica à pandemia

COVID-19, a nível global, foi robusta e rápida, tendo em consideração o número de vacinas e medicamentos atualmente em avaliação.

No entanto, podemos assumir que existem medicamentos que por serem pouco interessantes, do ponto de vista económico, poderão sair do mercado e este é um problema que não é de agora. É um problema sobre o qual temos vindo a trabalhar desde há bastante tempo, o de identificar mecanismos para evitar que estes medicamentos deixem de estar no mercado.

A principal missão do INFARMED é garantir que medicamentos e outras tecnologias de saúde estão disponíveis para os cidadãos e nas instituições de saúde, reunindo os requisitos de qualidade, segurança e eficácia. Esta é uma área que o INFARMED monitoriza em permanência no âmbito da sua atividade, quer a nível nacional, em articulação com os agentes do setor, quer a nível europeu, com as demais autoridades competentes do medicamento e a Agência Europeia de Medicamentos, a fim de encontrar soluções coordenadas que evitem problemas de indisponibilidade de medicamentos ao longo da cadeia de produção.

Os dados reportados em 2020 pelos titulares de autorização de introdução no mercado, distribuidores, farmácias, profissionais de saúde e utentes, revelam de um modo geral uma melhoria em termos de disponibilidade de medicamentos, comparativamente a 2019.

O que não pode realmente acontecer é termos medicamentos inovadores a entrar e, em simultâneo, ficarmos sem medicamentos que nos fazem muita falta. Posso falar de antibióticos, mas também de medicamentos utilizados até no contexto COVID-19, como alguns analgésicos ou anestésicos. Tais medicamentos, que têm menos interesse económico, os denominados medicamentos negligenciados/abandonados, constituem de facto um problema que estava identificado e sobre o qual temos estado a trabalhar, no sentido de alterar as condições regulamentares, provavelmente através da criação de programas de incentivo para que esses medicamentos não deixem de estar disponíveis.

Não é aceitável termos um sistema de saúde

de nível elevado, como o nosso e o dos outros países europeus (que pretendemos continuar a ter), mas que não disponha de todas as ferramentas terapêuticas, daquilo que normalmente denominamos como medicamentos essenciais. O que posso dizer é que a nova realidade acabou por nos ajudar a atuar mais sobre essa questão e aqui, claramente, estamos com algumas iniciativas de coordenação ao nível europeu. Existe já uma task force, uma iniciativa que envolve a Agência Europeia de Medicamentos e todas as autoridades do medicamento da União Europeia (UE), em que participamos, precisamente para criar formas de articulação que permitam que o mercado responda às necessidades. Obviamente, para que tenhamos medicamentos inovadores não podemos deixar de ter os medicamentos antigos, aqueles que são essenciais, necessários muitas vezes em utilização concomitante com os novos medicamentos. Temos exemplos, num passado muito recente, em que verificámos essa exigência. Um novo medicamento pode ter que ser administrado em

“

**Não é aceitável termos um sistema de saúde de nível elevado, como o nosso e o dos outros países europeus (que pretendemos continuar a ter), mas que não disponha de todas as ferramentas terapêuticas, daquilo que normalmente denominamos como medicamentos essenciais.**

associação com um fármaco que tem já 20 ou 30 anos de existência. Assim sendo, é nossa obrigação garantir a capacidade de o manter no sistema e julgo que esta situação pandémica ajudou a reforçar o trabalho que já estava a ser desenvolvido. Estes são alguns dos temas que certamente Portugal irá abordar durante a sua próxima Presidência da UE.

**Poderá o INFARMED, neste momento crítico, fazer um esforço para agilizar ainda mais processos regulamentares, no sentido de contribuir para um maior dinamismo no mercado dos medicamentos de uso humano e dispositivos médicos?**

Procuramos dar sempre a resposta em linha com as necessidades. Aliás, a legislação tem mecanismos para esse efeito e penso que todos têm testemunhado situações em que o INFARMED tem garantido o acesso precoce a medicamentos que têm um elevado impacto terapêutico para os doentes. Ou porque não há alternativas terapêuticas, ou porque o medicamento tem uma mais valia significativa, na qualidade de vida dos doentes. Mas devo aconselhar que se consulte o que fomos publicando ao longo de quase três meses sobre esta matéria, em todas as áreas onde foi justificado introduzir alterações regulamentares, para agilizar o acesso seja a medicamentos, seja a dispositivos médicos. Fizemo-lo, tanto na área dos dispositivos médicos, com a identificação de normas que não apenas com a marcação CE para poderem ser comercializados no nosso país, mas também ao nível de procedimentos regulamentares na área do medicamento. Portanto, estamos muito atentos e estaremos sempre preparados para adequar a nossa resposta em função das necessidades, sendo certo que não podemos deixar de dar garantias na segurança de utilização, seja aos cidadãos, seja aos profissionais de saúde. Toda esta flexibilidade regulamentar, que é também uma discussão europeia, tem de ser sempre balizada pela garantia de que a segurança da utilização de qualquer ferramenta terapêutica é sempre a primeira preocupação. Penso que aí temos bons exemplos e vamos continuar nessa linha de trabalho.



## FORUM FARMACÊUTICAS

# A inevitável transformação

As grandes questões para este fórum de gestores são os projetos de biotecnologia e a transformação da indústria do medicamento, e ainda o tema da inovação e a dinâmica que cria. Vítor Norinha

A biotecnologia está a transformar a indústria do medicamento. O resultado é avanços significativos a nível da saúde humana ao oferecer uma grande variedade de soluções terapêuticas para doenças como alguns tipos de cancro e doenças autoimunes. Esta é uma das questões colocadas a gestores de farmacêuticas sobre o futuro. Mas quisemos ainda saber o potencial da inovação no medicamento, e as respostas não poderiam ser

mais afirmativas: a inovação no setor farmacêutico permitiu evoluções significativas na medicina nos últimos 30 anos. Acabaram muitas doenças fatais graças aos novos medicamentos. Mas há grandes desafios que obrigam a mais e melhor inovação. Há desafios como a evolução demográfica, o envelhecimento e as pandemias como a que nos tem assolado em 2020, que têm de ter respostas.



**Vitor Papão**  
General Manager  
da Gilead Sciences Portugal

“A biotecnologia aplicada à área do medicamento tem dado passos enormes em várias frentes, nos últimos anos, no território nacional. Em Portugal, o avanço tecnológico realizado nesta área, traduz-se hoje em: sete centros de investigação com quase 150 doutorandos, um número de publicações em revistas científicas internacionais acima da média europeia, além de que, cerca de 10% das patentes internacionais de investigadores portugueses provêm, exatamente, da biotecnologia farmacêutica.

É também já real o uso de biotecnologia farmacêutica avançada na prática clínica, através de medicamentos que são dirigidos especificamente a cada doente e que permitem respostas até agora não existentes para o seu tratamento, nomeadamente em áreas críticas como a hemato/imunoncologia.

Toda a dinâmica de inovação e investigação feita na área do medicamento visa como principal objetivo satisfazer necessidades médicas até agora não preenchidas que se traduzirão na prevenção da doença, na sua cura ou num melhor tratamento possível, como resultado da combinação entre uma melhor eficácia e segurança. Esta inovação poderá medir-se em anos de vida ganhos com qualidade ou em qualidade de vida.

No entanto, na área da saúde serão sempre as necessidades (agudas ou crónicas), relativas aos doentes que padecem das doenças mais difíceis de tratar e que permanecem sem a melhor resposta possível, que definirão a dinâmica da inovação e investigação que é realizada no campo do medicamento. Prova disso mesmo tem sido a colocação de todos os esforços por parte de um grande número de empresas farmacêuticas na investigação e inovação

em torno da procura de uma resposta para o combate à pandemia por COVID-19. Ao longo dos seus mais de 30 anos de história, a Gilead tem apostado na investigação fazendo disso mesmo a sua missão. À nossa escala, temos contribuído para a melhoria da qualidade de vida de milhares de pessoas em Portugal e de milhões em todo o Mundo. Sabemos também que tal só acontece com o empenho de quem diagnostica, define terapêuticas e acompanha a saúde de cada pessoa e de cada Doente

A Gilead concretizou avanços médicos que em tempos se julgavam impossíveis. A nossa busca incessante pela inovação está centrada no objetivo de criar um mundo mais saudável, através dos tratamentos que desenvolvemos e da forma como conduzimos a nossa atividade. Pretendemos fazer do impossível, possível.”



**Filipa Mota e Costa**  
Diretora Geral  
da Janssen Portugal

“A biotecnologia trouxe um contributo muito relevante à indústria do medicamento, permitindo avanços significativos na saúde. Hoje conseguimos desenvolver novos medicamentos direcionados para doenças específicas e grupos de doentes muito específicos. Estamos a avançar numa abordagem customizada no tratamento e prevenção de doenças, por oposição ao one-size-fits-all, e tal deve-se também à biotecnologia. É uma transformação global, que levará a um novo paradigma de cuidados de saúde.

Na Janssen, temos um forte pipeline de medicamentos biológicos para o tratamento de doenças imunológicas e continuamos a reforçá-lo, expandindo a nossa investigação na área dos biomarcadores. Doenças como a Psoríase, a Doença de Crohn, a Colite Ulcerosa ou a Artrite Reumatóide têm hoje mais respostas que asseguram ganhos

de qualidade de vida inquestionáveis a que os doentes devem ter acesso. Várias doenças oncológicas têm hoje bem melhores perspectivas também por esta via.

Com informação personalizada sobre a genética de cada doente, recorrendo a alternativas terapêuticas que envolvem o uso de organismos vivos, é possível produzir mas também prescrever com maior precisão o tratamento a prestar a cada uma das pessoas de forma diferenciada. Este futuro já está a acontecer. É um tremendo ganho de eficácia com um valor inquestionável para a saúde de cada um de nós e é nesse sentido que caminhamos a passos sólidos na Janssen.

A inovação de que estamos a falar na área da biotecnologia traz ganhos de efetividade e eficiência que interessam a todos: doente, pagador e prestador. Obter benefícios maximizados com a menor exposição possível à toxicidade é o desejo de qualquer clínico em qualquer área de especialidade, e de qualquer doente. A título de exemplo, existem hoje tratamentos oncológicos muito menos evasivos, inclusive através da imunoterapia, desenvolvida pelo conhecimento em biotecnologia, com ganhos inquestionáveis para todo o sistema de saúde.

Esta dinâmica, de um desenvolvimento de uma medicina mais precisa deverá ser estimulada, pelos ganhos adicionais que poderão fazer a diferença na vida de muitos doentes e pela eficiência que traz ao sistema não apenas a nível farmacológico. A inovação tem potenciado avanços de saúde impressionantes, mas também reduzindo hospitalizações ou outros custos do sistema, valorizados em cerca de 560 milhões de Euros anuais (estudo da Apifarma/McKinsey, 2019). Simultaneamente, há ganhos de produtividade, pela capacidade de voltar à vida ativa, na ordem dos 280 milhões de euros por ano em rendimento adicional para as famílias. As Autoridades Regulamentares têm os mecanismos de avaliação que permitem diferenciar a Inovação transformacional da inovação incremental. A saúde, além do seu valor indiscutível para cada um de nós, é um bem para a economia. Investir em saúde, e na inovação terapêutica, é investir no país, é investir na economia e nas pessoas.”



**Fernando Bastos**  
External Affairs & Market  
Access Director da AbbVie



**Rui Rijo Ferreira**  
Marketing Director  
da Jaba Recordati



**Vítor Cataluna**  
Country Manager  
da Boiron Portugal

“Seja aqui ou em qualquer outra parte do mundo, a biotecnologia tem de facto transformado a indústria do medicamento, dando origem a avanços significativos na saúde humana. Atualmente, a biotecnologia oferece uma grande variedade de soluções terapêuticas para uma multiplicidade de doenças, nomeadamente alguns tipos de cancro e as doenças autoimunes.

É também uma área crucial para o progresso económico e social do país e com um enorme potencial de crescimento. Felizmente, temos visto o setor da biotecnologia em Portugal crescer a olhos vistos, com muitos bons exemplos de projetos transformadores, que vão permitir abordar a doença de forma cada vez mais eficaz.

A inovação no setor farmacêutico foi responsável por evoluções significativas na medicina nos últimos 30 anos. Doenças outrora fatais deixaram de o ser graças ao desenvolvimento dos medicamentos inovadores. Iniciou-se, no fundo, uma nova era de cuidados de saúde, onde o foco está nas especificidades de cada doença e de cada doente. Embora a inovação no medicamento já tenha trazido muitas respostas, continuarão a persistir muitas necessidades médicas por satisfazer. Os desafios da evolução demográfica, o envelhecimento da população e até o próprio exemplo da pandemia de Covid-19 mostram que há ainda muito espaço para a inovação no medicamento. Sem esquecer o cancro e as doenças neurodegenerativas, que continuam a ser alguns dos principais desafios para a ciência.”

“Os projectos de biotecnologia estão a transformar a indústria do medicamento no mundo, e, obviamente também em Portugal. Desde logo no modelo de investigação e desenvolvimento na Indústria Farmacêutica que há muito que se adaptou a esta realidade. Os centros de investigação básica independentes ou ligados a universidades e as ‘startups’, passaram a estar na génese dos novos projectos. No entanto, este tipo de organizações, não tem nem as competências nem os recursos para as diferentes fases do processo de desenvolvimento e posterior comercialização de um novo fármaco e vão ter de encontrar um parceiro que reúna as condições necessárias e veja potencial no projecto. Uma Farmacêutica. Esta sinergia tem sido fundamental para ir da descoberta ao fármaco, passando pelas várias fases de teste necessárias para o fármaco poder ser usado em humanos. Atualmente o peso da biotecnologia é mais relevante no âmbito do medicamento de uso essencialmente em meio hospitalar (como tratamento de cancro por imunoterapia), nas doenças infecciosas negligenciadas ou para o tratamento de doenças raras, do que por exemplo, no mercado ambulatorio de medicamentos sujeitos a receita médica ou de venda livre. Mas também aqui a biotecnologia vai ganhando um protagonismo crescente com a explosão do conhecimento básico em torno da microbiota e o aparecimento dos probióticos.”

“Não há dúvida de que aquilo que nos distingue hoje em relação a séculos passados é a forma como a o entendimento em relação à Saúde tem evoluído e de como a inovação crescente têm permitido que todos vivamos mais tempo e com mais qualidade de vida. Contudo, a inovação em saúde não é um tema exclusivo do setor, atravessa várias dimensões da sociedade, por isso, quando falamos de inovação em saúde existem muitas variáveis envolvidas, são elas a sustentabilidade, o investimento, a qualidade, a equidade, a cooperação, etc. Para uma verdadeira efetividade no campo da inovação é necessário de ter em conta todas estas variáveis que, só de forma combinada, nos permitem dar resposta aos desafios impostos, atuais e futuros, com benefícios claros para os doentes e para os sistemas de saúde. Num mundo global, com necessidades prementes de sustentabilidade, mas com desafios concretos, uma visão integrada da Saúde - através de uma harmonia entre todas as terapêuticas e formas de atuação distintas - pode contribuir para a construção de um futuro mais saudável e equilibrado. A prioridade devem ser as áreas onde continuam a existir necessidades ainda não preenchidas, e o apelo à inovação deve motivar todos os players da área da saúde a fazer mais e melhor, ajudando as pessoas a manterem-se saudáveis e com qualidade de vida, sem prejudicar os sistemas de saúde, o planeta, e garantindo uma sustentabilidade a longo prazo.”



**Tiago Amieiro**  
Diretor-Geral da Amgen  
Biofarmacêutica em Portugal

“Na década de 80 a revolução da biotecnologia demonstrou o seu potencial para transformar os cuidados de saúde em todo o Mundo. Um dos exemplos paradigmáticos foi, sem dúvida, a aplicação da tecnologia do DNA recombinante. Os produtos biológicos tornaram-se importantes opções de tratamento para os doentes com cancro, doenças autoimunes, doenças cardiovasculares e outras doenças graves. O mapeamento do genoma humano, um dos avanços mais significativos em biotecnologia, transformou e catapultou a investigação em biotecnologia, traduzindo-se em terapêuticas experimentais como células estaminais e terapia genética. Ao entendermos os mecanismos moleculares, os medicamentos biológicos podem ser desenvolvidos para direcionar e modificar as causas subjacentes da doença, alterando potencialmente o curso da doença, em vez de simplesmente tratar os sintomas.

A AMGEN é uma das principais empresas globais de biotecnologia. Na nossa empresa, desenvolvemos paralelamente a nossa capacidade digital, a qual utiliza novas técnicas de análise de dados e soluções tecnológicas emergentes de uma variedade de indústrias, para ir ao encontro das necessidades dos doentes e dos Sistemas de Saúde no seu todo. Em Portugal, a AMGEN ambiciona seguir o ritmo dos restantes países europeus, esperando que as condições nacionais permitam e incentivem o desenvolvimento e o acesso à inovação.

Por outro lado, o século XXI na medicina será o “Século da Biologia”, à medida que entendermos as bases moleculares e genéticas das doenças, poderemos desenvolver e produzir medicamentos mais eficazes e, em alguns casos, curar

as doenças mais graves que enfrentamos hoje em dia. A Amgen continua a apoiar ativamente políticas públicas e R&D que promovem o desenvolvimento e a adoção de medicamentos personalizados e o uso de biomarcadores, porque acreditamos que este é o caminho. No entanto, estamos muito conscientes que existem doenças “antigas” e/ou doenças raras, para além das infecciosas emergentes, que necessitam da nossa atenção e contínuo investimento, assim como dos nossos Governantes. Não podemos desviarmos da nossa missão: servir os doentes.”



**Silvia Guichardo**  
Diretora-Geral  
GSK Portugal

“A biotecnologia tem vindo a assumir uma importância crescente no desenvolvimento de novos medicamentos ao permitir um melhor direcionamento para doenças e grupos de doentes específicos. Isso é uma tendência global, de que naturalmente Portugal também beneficia. Segundo a Apifarma, os medicamentos biotecnológicos (contêm uma ou mais substâncias ativas obtidas a partir de um organismo vivo ou derivadas deste) representam cerca de 10 a 15% do mercado farmacêutico e mais de um quinto dos novos medicamentos lançados anualmente, em todo o mundo, têm como base a biotecnologia. No caso concreto da GSK, fomos uma das empresas europeias que mais investiu em Investigação & Desenvolvimento (I&D) na área da biotecnologia, nos últimos anos. Em 2019, alocamos 4,3 mil milhões de libras na investigação científica para descoberta de novos componentes farmacêuticos e, atualmente, temos 37 moléculas em desenvolvimento, das quais 14 na área de Oncologia.

Importa, ainda, sublinhar a importância crescente que a Imunologia e o conhecimento do sistema imunológico tem vindo a desempenhar na área da Investigação. À medida que aumentamos a nossa compreensão das diferentes partes do nosso sistema imunitário e de como funcionam, podemos direcionar o sistema imunológico para o desenvolvimento de novos medicamentos inovadores. Atualmente, temos cerca de dez projetos de investigação focados em Imunologia em várias áreas terapêuticas e vários programas em curso com diversos medicamentos em desenvolvimento para ajudar a corrigir disfunções do sistema imunológico.

O que motiva a inovação na área da saúde são as necessidades médicas ainda não satisfeitas. Seja a procura incessante para a descoberta de uma vacina para o novo coronavírus, sejam novos medicamentos biológicos para a Asma Grave ou inovações terapêuticas para o Cancro do Ovário, por exemplo. Apesar de ser uma necessidade transversal, como referi, parece-me que Oncologia, de facto, continua a ser uma área em que, infelizmente, é imperativo a Indústria continuar a investigar e desenvolver novas armas terapêuticas para ajudar os profissionais de saúde a responder às necessidades dos doentes. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), em 2018, registaram-se, em todo o mundo, 18 milhões de novos casos de cancro, dos quais 23,4% na Europa, e morreram 10 milhões de pessoas no planeta, vítimas de cancro. O número de novos casos de doença oncológica deverá aumentar cerca de 58%, em 2035, segundo um relatório do Fundo Mundial para a Pesquisa do Cancro, da OMS.

Face a esta realidade, a GSK está a concentrar esforços, em parceria com aliados estratégicos, para contribuir na procura de novas soluções para este drama, que afeta tantas pessoas e famílias. A nossa abordagem foca-se na ciência relacionada com o sistema imunitário, no recurso à genética humana e em tecnologias avançadas, sendo impulsionada pelo efeito multiplicador da fórmula Ciência x Tecnologia x Cultura. “



**Hugo Gomes da Silva**

Medical & Regulatory Affairs  
Director na AstraZeneca Portugal

“A biotecnologia permitiu o desenvolvimento de tratamentos para uma grande variedade de doenças graves. Em todo o mundo, nomeadamente em Portugal, muitos milhões de doentes têm beneficiado dos medicamentos biológicos aprovados. Estes medicamentos ajudam a tratar ou a prevenir numerosas doenças raras e graves, incluindo doenças como cancro, enfarte agudo do miocárdio, acidente vascular cerebral, esclerose múltipla, diabetes, doenças autoimunes, entre outras. Se, por um lado, o uso de plataformas biotecnológicas permitiram um progresso significativo nos cuidados de saúde, nomeadamente no diagnóstico precoce e de tratamentos cada vez mais personalizados, também possibilitaram à indústria à farmacêutica ajustar o modelo de investigação e desenvolvimento, fabrico, distribuição e comercialização de medicamentos, bem como as estratégias regulamentar e de reembolso.

Em Portugal, em particular, criou oportunidades para inovar e implementar novos modelos de investigação e desenvolvimento, não só em projetos nacionais, mas também para participar em projetos internacionais, nomeadamente europeus. Duas das áreas mais impactadas pela biotecnologia são: o modelo de aprovação regulamentar, que permite revisões pelas autoridades de uma forma ainda mais expedita, e o modelo de reembolso, que em Portugal continua a ser um desafio, nomeadamente no que se refere à disponibilidade dos pagadores nacionais para suportarem o valor da inovação. Em última análise, e o mais importante, é que para os doentes, que cada vez são mais informados e detêm o poder de decidir os tratamentos que melhor os servem, o progresso na biotec-

nologia médica representa tratamentos mais bem tolerados, mais eficazes e mais personalizados”.

Por outro lado, “a forma como investigamos e desenvolvemos novos medicamentos está a mudar – entrámos numa “Época Dourada”, onde a ciência inovadora e a revolução na geração de dados “deram as mãos” para tratar e, potencialmente, curar doenças numa escala nunca antes vista. Esta é uma das indústrias de alta tecnologia mundial e é nossa responsabilidade maximizar as oportunidades que possam trazer benefício aos doentes. Por conseguinte, se queremos ser bem sucedidos na condução da próxima vaga de inovações médicas e nos cuidados de saúde, todos os principais intervenientes, incluindo indústria farmacêutica, devem embarcar numa era de colaboração sem precedentes.

A colaboração significa uma cooperação ainda mais forte entre o SNS, o Governo, os profissionais de saúde, os doentes e a indústria, para garantir um acesso mais amplo e acelerado às últimas inovações médicas, de forma a atingir as metas que o sistema de saúde prevê. E em que área devemos de investir para potenciar a inovação? Para acelerar a inovação devemos facilitar o aumento da recolha e partilha de dados de saúde, mantendo ao mesmo tempo padrões robustos para o anonimato dos dados dos doentes, para apoiar um serviço de saúde que abraça e lidere em tecnologias digitais e inteligência artificial (IA). Para tal, temos de criar um ecossistema de tecnologia de saúde para acelerar essa inovação, criando um centro de excelência em inovação em saúde envolvendo todos os parceiros.

Em terceiro lugar, para a nossa própria indústria, temos de apoiar uma maior colaboração intersectorial e um maior trabalho baseado em parcerias, para catalisar a descoberta de uma nova onda de inovações movida a tecnologia. A utilização das tecnologias digitais está a alargar o âmbito de possibilidades na investigação médica, tornando-a mais eficiente e inteligente. E este caminho de cooperação está em marcha. Nos últimos tempos temos assistido a colaborações entre a indústria e os seus

múltiplos parceiros, nomeadamente investigadores. No âmbito da COVID-19, por exemplo, são várias as parcerias em curso para a investigação e desenvolvimento de diagnóstico, medicamentos e vacinas. É este “new way of working” que devemos manter para além das fronteiras da pandemia, potenciando o poder da ciência na resposta as necessidades dos doentes.”



**Filipe Novais**

Diretor Geral  
Astellas Farma

“A biotecnologia está a revolucionar a medicina moderna através do desenvolvimento de sistemas terapêuticos emergentes como a terapia genética, a terapia celular, a medicina personalizada e a medicina regenerativa. Com o avanço da tecnologia a par do investimento em I&D, estão a ser realizadas descobertas que permitem através da inovação científica encontrar novas respostas de base biotecnológica, permitindo proporcionar uma maior esperança aos doentes. A biotecnologia tem vindo a impactar diretamente a indústria do medicamento em Portugal, através do desenvolvimento de novas e inovadoras moléculas terapêuticas destinadas a áreas com opções terapêuticas limitadas, permitindo construir um caminho promissor para o alcance de uma maior longevidade e aumento da qualidade de vida.

Ao longo dos últimos anos a indústria farmacêutica tem feito progressos notórios ao nível da investigação e desenvolvimento, com vista à procura de melhores soluções para os doentes. O investimento contínuo em novas tecnologias na área da saúde, a promoção de uma dinâmica de investigação clínica e o consequente desenvolvimento de novos medicamentos, tem contribuído para revolucionar a prática médica, levando ao aumento da

sobrevida e proporcionando uma melhor qualidade de vida. Conseguir através do conhecimento científico colmatar as necessidades humanas e sociais é um dos grandes desafios enfrentados atualmente, pela Indústria Farmacêutica. A inovação e o progresso na área da saúde, tem um impacto direto na sociedade, contribuindo para uma sociedade mais saudável e produtiva, o que se traduz num desenvolvimento económico e social.”



**Pedro Moura**  
Managing Director  
da Merck Portugal

“A biotecnologia representa uma disciplina importantíssima pela contribuição ímpar na evolução da área da saúde. Em Portugal, as áreas de biotecnologia com maior impacto são as de biotecnologia farmacêutica e industrial. A biotecnologia permite oferecer opções de tratamento para um alargado leque de patologias incluindo certos tipos de cancro, ou vacinas inovadoras, bem como permite a deteção rápida de agentes patogénicos. O desenvolvimento deste tipo de opções na área da biotecnologia permite versões mais seguras de tratamentos existentes e permite ser mais direcionado para doenças específicas e grupos de doentes também eles mais selecionados. Uma maior compreensão das causas genéticas da doença tem potencial para permitir a deteção precoce e o tratamento, e o novo campo da terapia genética apresenta resultados que não só possibilitam o tratamento como em alguns casos a cura de determinadas patologias. A biotecnologia continuará a proporcionar novos avanços na investigação clínica nos próximos anos, conduzindo a tratamentos em áreas com muito para descobrir (inclusive VIH/SIDA, cancro, asma, doença de Parkinson, doença de Alzheimer, entre outras), e continuará igualmente a oferecer alternativas aos atuais tratamentos convencionais disponíveis.

Na Merck, a nível internacional, lançámos diversas iniciativas para fortalecer a comunidade de Biotecnologia Medicinal Emergente através de um Programa de Financiamento, de parcerias com incubadoras e de programas de educação e formação. Entendemos os desafios que as empresas de biotecnologia emergentes enfrentam na procura de lançar a próxima geração de medicamentos no mercado. É por isso que desenvolvemos os nossos programas de Subsídio Antecipado para Biotecnologia, que ocorrem regularmente em diferentes regiões do mundo. Esses programas permitem que a quem recebe os subsídios sejam disponibilizados produtos e serviços gratuitos”. Por outro lado, “a indústria farmacêutica caracteriza-se por ser focada em Pesquisa e Desenvolvimento (P&D). Faz parte da nossa missão! O processo que vai desde a compreensão de uma doença até ao seu tratamento é longo, difícil e dispendioso, mas é a missão da Indústria Farmacêutica que se dedica à investigação para responder a estes desafios. O progresso global na resposta às necessidades de saúde das populações tem sido notável. Muitos fatores contribuíram para esta melhoria, mas podemos assumir com orgulho a importância crítica dos avanços no desenvolvimento de novas tecnologias de saúde.

As novas tecnologias de saúde têm aportado inovações revolucionárias que têm sido de facto fundamentais em áreas como a eficácia no diagnóstico, novos medicamentos e em novas vacinas úteis para a prevenção e também para o tratamento de diversas patologias. Estes são exemplos de um conjunto de inovações médico-científicas que permitiram tornar curáveis ou tratáveis doenças que eram antes fatais. É de referir que esta revolução também permitiu uma melhoria significativa da qualidade de vida de pessoas com doenças crónicas.

A indústria farmacêutica tem um papel fundamental e decisivo no investimento que tem disponibilizado na área da inovação, contribuindo assim para uma sociedade mais saudável. No entanto, o nosso papel não se esgota aqui. Há uma constante necessidade de evoluir e a situação atual que estamos a viver demonstra bem isso. Na Merck a curiosidade mantém-nos sempre insatisfeitos e em busca ativa de solu-

ções que vão ao encontro das necessidades de saúde pública. É preciso garantir a continuidade desta missão e nós, enquanto empresa, temos diariamente esse foco.”



**José Redondo**  
Diretor Geral Área  
Financeira e Industrial.

“Os grandes desafios que se colocam hoje à indústria farmacêutica passam, inegavelmente, pela inovação terapêutica. Os medicamentos biotecnológicos representam cerca de 10 a 15% do mercado farmacêutico e a tendência é para o aumento deste número fruto dos avanços científicos, particularmente no campo da genética. A biotecnologia vai ter um papel muito relevante no contexto da indústria do medicamento, não diria que especificamente em Portugal, mas a nível global. Os tratamentos personalizados para grupos de doentes específicos, a investigação na vertente das doenças raras e em patologias como cancro e doenças neurodegenerativas poderão ser os grandes beneficiários dos medicamentos biotecnológicos com forte impacto na Saúde”. Sobre a inovação no medicamento diria que “é impulsionada pelo forte avanço científico e tecnológico que vivemos e que, como efeito bola de neve, gera expectativas nos profissionais de saúde, nos doentes e na sociedade em geral que procuram tratamentos mais eficazes, com menos efeitos secundários, mais seguros, que possibilitem viver mais tempo e com melhor qualidade de vida. A dinâmica da inovação no medicamento tem de ser aliçada em políticas desenvolvimentistas a nível europeu e que apostem na valorização do valor acrescentado, na captação de investimento na área da investigação, na promoção de alianças entre companhias de co-desenvolvimento de projetos de I&D e políticas de preços adequadas reflexo dos investimento em inovação e consequente valor económico gerado.”

# **Diretório**

# “Aquilo que está a acontecer ao nível da colaboração é algo inimaginável

Proteger os colaboradores e garantir que os medicamentos chegavam aos doentes que deles necessitavam. Estes foram os dois grandes desafios que a Bial enfrentou em plena “crise” COVID-19

**A**ntónio Portela, CEO da farmacêutica portuguesa BIAL, explica como ultrapassaram as dificuldades, elogia o comportamento dos colaboradores, enaltece a colaboração entre a indústria, alerta para a necessidade de o medicamento ser menos dependente das matérias-primas da China e Índia e critica a forma pouco ágil como a Europa responde às crises.

**Antes de nos focarmos na atualidade e no conturbado período que mais ou menos todos os países e mercados atravessam, como correu o ano passado para a Bial?**

O ano de 2019 foi bom. Ultrapassámos, pela primeira vez, os 300 milhões de euros de faturação e crescemos bastante no capítulo da internacionalização. Por outro lado, através da nossa investigação e desenvolvimento, estamos a desenvolver projetos e queremos continuar a fazê-lo. Dos 300 milhões de euros faturados, 60% foram através de dois medicamentos que descobrimos, patenteámos e levámos ao mercado. Ou seja, para nós é claro que a inovação, a investigação e o desenvolvimento nos têm permitido crescer não só em termos de faturação mas também em termos de acesso aos mercados mais desenvolvidos da Europa, da Ásia e Estados Unidos. Para 2020, o grande objetivo era continuar esse desenvolvimento, continuar a fazer investigação nos novos medicamentos e lançar nos novos mercados.

**Uma atuação baseada então nestes dois medicamentos pilar?**

Exatamente. Temos o medicamento da epilepsia, Zebinix, e o Ongentys, na doença de Parkinson. Aliás, tínhamos previstas aprovações do Ongentys nos Estados Unidos e Japão no início do ano, dois mercados muito importantes, para além de mais alguns mercados europeus... mas entretanto surge a pandemia.

**Qual o real impacto que a pandemia teve na vossa estrutura empresarial?**

Agora posso dizer, com alguma tranquilidade, que como empresa conseguimos responder com bastante segurança e sem grandes disrupções. Acho que ainda sabemos pouco sobre o vírus e o que vai acontecer, mas já temos alguma ideia do seu impacto e conseguimos medir o que foi acontecendo.

**Porque consideram terem sido pouco afetados?**

Porque tínhamos um plano de continuidade de negócio que está estabelecido, que tem sido trabalhado ao longo dos últimos anos e que, no fundo, procura criar uma série de redundâncias em situações de crise ou catástrofe. Rapidamente - e acho que nós agimos bastante cedo - começámos a tomar algumas medidas internas e ativámos esse plano de continuidade de negócio, adaptando-o à COVID-19. No início, a cada semana e depois a cada 15 dias íamos adaptan-



do o plano e a equipa às nossas necessidades.

### Qual foi a estratégia?

Concentrámo-nos em dois grandes pilares. O primeiro foi a segurança das pessoas e o segundo foi garantir que os nossos medicamentos chegavam às pessoas que precisavam deles. Porque para nós também é claro que, apesar de hoje haver um grande foco na COVID-19, as outras doenças não desapareceram. Temos visto que o número de mortes em Portugal nos últimos meses está bastante acima da média do normal também porque as pessoas não vão ao hospital, têm receio. Ou seja, acabam por ocorrer uma série de outras mortes que seriam evitáveis em circunstâncias normais.

Tirámos os nossos comerciais da rua, por um lado para os proteger e, por outro, porque os hospitais estavam no centro da batalha contra a COVID-19 e não queríamos ser um estorvo. Depois, rapidamente adaptámos a empresa, tendo ficado cá a trabalhar apenas as pessoas que considerávamos efetivamente essenciais.

### Quantos trabalhadores ficaram nas instalações?

Durante cerca de 10 semanas mantivemos na empresa 120 ou 130 pessoas. Em Portugal somos cerca de 500, uma parte comerciais, sendo que nas instalações costumam trabalhar 350 pessoas, mais ou menos. Ficaram colaboradores na área da produção, da qualidade, da logística e da manutenção. E depois ficaram algumas pessoas de funções de suporte, algo que não pode ser feito em teletrabalho.

### Por muito bem que uma empresa esteja preparada, não está preparada para uma pandemia, pois não?

Não. Nós basicamente pegámos num plano master e ajustámos à realidade COVID-19. O que fizemos em termos dos circuitos, das separações entre as equipas... isso não existia. Nós preparámo-nos para coisas como um incêndio, um terremoto, mas para esta situação específica não tínhamos plano. Aconteceu que aquilo que fazíamos em oito horas, passámos a fazer em 14 ou 15, demorámos muito mais tempo. E tivemos uma compreensão absolutamente excepcional dos

colaboradores. Por um lado, tiveram um exemplar sentido de responsabilidade em continuar a fazer chegar os medicamentos ao mercado e, por outro, sentiram-se a trabalhar em segurança. A confiança foi de parte a parte. E repare que estas pessoas também têm família, têm filhos, têm pais, são cuidadores e tiveram de adaptar as suas vidas pessoais para poderem ajustar-se aos turnos, que passaram a ser diferentes. E fizeram-no com um sentido de missão extraordinário.

### Mantiveram a produção?

Não só a mantivemos como a aumentámos. No primeiro trimestre produzimos mais 50% do que o ano passado. E por duas razões: primeiro porque tivemos uma solicitação por parte da autoridade do medicamento, o INFARMED, para reforçar os nossos stocks em geral e especificamente os antibióticos, estou a falar do princípio, ainda não se sabia muito bem o que ia acontecer. Por outro lado, tal como houve uma corrida aos bens essenciais de primeira necessidade, também houve uma corrida aos medicamentos, as pessoas procuraram abastecer-se para alguns meses. De repente, houve uma procura muito grande. Temos muitos medicamentos para doenças crónicas, como Parkinson, epilepsia, asma, colesterol, hipertensão, diabetes... Felizmente conseguimos reforçar os stocks e responder - não só em Portugal mas em outros países - a este excesso de procura.

### A logística não foi um problema?

Conseguimos ultrapassar, mesmo em países como Espanha e Itália, onde a realidade da COVID-19 foi mais dura. Ou seja, conseguimos gerir bem estas questões, até hoje tivemos cinco ou seis casos de contaminação, mas estamos em crer que foram contaminados fora, o que nos dá uma confiança enorme no sentido de que todas as medidas que implementámos resultaram. Rapidamente conseguimos isolar essas equipas e, felizmente, nenhuma delas foi contaminada. Nunca tivemos de parar.

### Olhando para trás, qual foi o maior desafio?

Acho que os desafios foram vários. Primeiro, assegurar que estávamos a proteger as pessoas e que elas se sentissem seguras





## ENTREVISTA

países, todos a colaborar numa interação muito diferente da que, por exemplo, os políticos têm feito. Vamos encontrar uma solução, pode demorar mais ou menos tempo, mas vamos encontrar.

### E agora? O que perspetivam para os próximos meses?

Até agora, aqueles que são os nossos grandes planos em termos de crescimento e desenvolvimento vão manter-se. Estamos obviamente a ser afetados na parte dos ensaios clínicos, que vão sofrer um atraso importante. Depois, parte da nossa expansão internacional também está um pouco expectante a ver quando é que podemos avançar. No fundo, estamos-nos a preparar, iremos abrir as operações até ao verão e, depois, começar a funcionar de uma forma mais normal, digamos. Acho que com a informação que temos hoje, antevemos que tão cedo não vamos voltar a uma situação completamente normal como tínhamos antes, mas que poderemos eventualmente voltar a uma situação relativamente normal.

### Mas estão a ser preparados outros cenários?

Sim. Ao mesmo tempo estamos a preparar cenários diferentes, mais drásticos, como segundas ou terceiras vagas para as quais tenhamos de ter stocks e matérias-primas, se houver um novo pico e outra situação de confinamento. Esse não é o plano que estamos a seguir, mas são planos que hoje temos de ter em cima da mesa.

### Esses planos já contemplam alternativas de matérias-primas, por exemplo?

Como empresa, temos estado - e vamos continuar a fazê-lo - a procurar fornecedores alternativos, nomeadamente de outras geografias. Passando do plano empresa para o plano país e mesmo Europa, há hoje uma discussão importante sobre a necessidade de reinvestir na produção de matérias-primas por forma a não estarmos tão dependentes da China e mesmo da Índia. A mesma discussão está a acontecer nos Estados Unidos. Infelizmente, nos últimos anos, nas últimas crises, a Europa tem demorado muito tempo a dar resposta, é pouco ágil. Sinto que temos que ser muito mais ágeis, porque este não é um problema de um ou dois países, é de todos os países.

e confiantes no que estávamos a fazer. O segundo foi garantir a produção e adaptar e colocar em marcha o nosso plano de continuidade de negócio à COVID-19. E depois, comunicar. De repente, estávamos todos separados, não só em Portugal mas em Espanha, Itália, Alemanha, Inglaterra... .As pessoas tinham receio, nomeadamente em Espanha e Itália. Apesar de não termos nenhum caso na empresa, várias pessoas tiveram familiares que faleceram devido à COVID-19 e isso gera incerteza. Tentámos sempre transmitir um cenário de confiança.

### Como vê a prestação desta indústria neste contexto?

A indústria tem feito um esforço enorme, sobretudo em garantir que não faltam medicamentos. Esta crise tornou muito visível que a globalização - que teve muitas coisas positivas - tem de ser repensada. De facto, 80% das matérias-primas que fornecem os medicamentos de todo o mundo são provenientes da China e da Índia... Com a Índia a fechar portas e a China numa situação complicada e a começar a cancelar encomendas, chegámos a temer que houvesse falhas importantes de medicamentos. Felizmente, isso não tem acontecido, com as autoridades a trabalharem de perto com a indústria no sentido de se encontrarem alternativas para que precisamente não faltar medicamentos. Esse tem sido um dos grandes desafios. Outro desafio é responder à COVID-19. Acho que aquilo que está a

acontecer ao nível da colaboração, do investimento e da busca de soluções é algo inimaginável antes da pandemia existir. Há muitos recursos que são investidos em procurar descobrir novas terapias, novas vacinas nas diversas áreas, mas acho que nunca houve tantos recursos num tão curto espaço de tempo e com tanta colaboração como agora. A resposta que a ciência - e aqui não é só a indústria farmacêutica - tem dado é extraordinária. Investigadores, cientistas, laboratórios de investigação públicos e privados, indústria farmacêutica de diferentes

“

**Agora posso dizer, com alguma tranquilidade, que como empresa conseguimos responder com bastante segurança e sem grandes disrupções. Acho que ainda sabemos pouco sobre o vírus e o que vai acontecer.**

# Bial

Keeping  
life in  
mind.

## BIAL – Inovação e Internacionalização

Fundada em 1924, BIAL é hoje uma farmacêutica internacional de inovação, constituindo o maior grupo farmacêutico português.

Focalizada na Investigação & Desenvolvimento (I&D) de novos medicamentos, nomeadamente nas neurociências, a BIAL é a única farmacêutica portuguesa com produtos de investigação própria no mercado: um medicamento para a epilepsia e um antiparkinsoniano.

Em 2009, nasceu o primeiro medicamento de patente portuguesa, para o tratamento da epilepsia, que está hoje disponível em diversos países europeus e nos EUA. O segundo medicamento BIAL, para a Doença de Parkinson, foi aprovado pela autoridade regulamentar europeia em 2016 e, em abril de 2020, pela Food and Drug Administration nos EUA. Comercializado no Reino Unido, Alemanha, Espanha, Itália e Portugal, perspetiva-se ao longo do corrente ano e em 2021 a sua introdução noutros países europeus e nos EUA, Japão e Coreia do Sul. Com mais de 15.000 novas moléculas sintetizadas, a BIAL aloca, em média, mais de 20% da sua faturação anual à I&D. No ranking “The 2019 EU Industrial R&D Investment Scoreboard” (dados referentes ao ano 2018), a BIAL foi a segunda empresa portuguesa com maior investimento em I&D, com 54 milhões de euros, ocupando a 395ª posição no ranking das 1000 empresas Europeias.

Paralelamente, o grupo tem fortalecido a

sua expansão internacional com o reforço da sua atividade em importantes mercados farmacêuticos europeus. BIAL tem atualmente filiais em 9 países e vende os seus medicamentos em mais de 50, sobretudo da Europa, África e América. Os EUA representam já o primeiro mercado em vendas de farmácia para BIAL. Nos últimos 10 anos, o peso das vendas nos mercados internacionais tem sido crescente, representando hoje cerca de 75% do volume de negócios da empresa que em 2019 ultrapassou os 300 milhões de euros.

Atualmente, BIAL conta com uma equipa de mais de 1000 pessoas em que 82% tem formação universitária e 9% são doutorados. A trabalhar em I&D estão mais de 155 pessoas, 62% doutoradas, de 14 nacionalidades diferentes. Esta equipa colabora com investigadores e cientistas de universidades, indústria e centros de investigação para conseguir entregar medicamentos inovadores a todos os profissionais de saúde, pacientes e suas famílias.

Em Portugal BIAL tem um portfólio de medicamentos diversificado que abrange as áreas cardiometabólica, sistema nervoso central, respiratória, músculo-esquelética, saúde da mulher e maternidade.

A caminho do centenário, BIAL mantém como grande objetivo ser uma companhia farmacêutica de inovação com presença global com o objetivo de melhorar a qualidade de vida das pessoas com novas soluções terapêuticas.

### CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

- » **Luís Portela**  
Chairman
- » **António Portela**  
CEO
- » **Richard Pilnik**  
Membro não executivo
- » **Isabel Morgado**  
Área de Novos Projetos
- » **José Redondo**  
Área Financeira e Industrial
- » **Miguel Portela**  
Área Corporate
- » **Patrício Soares da Silva**  
Área de Investigação e Desenvolvimento
- » **José Almeida Bastos**  
Área de Operações Comerciais

www.bial.com



# AMGEN

Portugal

## EQUIPA DE DIREÇÃO



**Tiago Amieiro**  
Diretor Geral



**Filomena Sousa**  
Diretora Médica



**Fátima Bragança**  
Value, Access &  
Policy Country Lead



**Arsénio Garcia**  
BUM  
Hemato-Oncologia



**Ricardo Vinagre**  
BUM Biossimilares  
& KAMs



**Rui Dias**  
BUM  
General Medicine

[www.amgen.pt](http://www.amgen.pt)

Na Amgen, a nossa missão é servir os doentes transformando a promessa da ciência e da biotecnologia em terapêuticas capazes de restabelecer a saúde e de salvar vidas. Utilizamos conhecimentos avançados da genética humana para desvendar a complexidade das doenças e compreender os fundamentos da biologia humana.

Dedicamos os nossos dias a desafiar os limites da ciência para transformar a medicina, e a desenvolver o potencial da biologia, ao descobrir, investigar, desenvolver, fabricar e comercializar medicamentos inovadores de uso humano, para mudar o curso das doenças graves e potencialmente fatais e melhorar de forma decisiva a vida dos doentes.

Na Amgen, acreditamos numa abordagem que coloca a “biologia em primeiro lugar” na busca de terapêuticas que melhorem a vida dos doentes, e acreditamos que a cura para as doenças pode ser encontrada dentro de cada um de nós. A subsidiária da Amgen, “deCODE Genetics”, líder global em genética humana, contribui para a melhoria da forma como identificamos e validamos os alvos terapêuticos na doença humana, onde se inclui o trabalho de mapeamento da epidemiologia molecular da COVID-19.

Fundada em 1980, em Thousand Oaks, Califórnia, por um grupo de cientistas, a Amgen (acrónimo de Applied Molecular Genetics) é pioneira e líder em biotecnologia, estando presente em cerca de 100 países em todo o mundo e chegando a milhões de doentes. Em Portugal, a Amgen iniciou a sua atividade em 1993 contando com uma importante equipa de profissionais quali-

ficados. A Amgen centra a sua atuação em seis áreas terapêuticas com elevadas necessidades médicas: doenças cardiovasculares, oncologia, saúde óssea, neurociência, nefrologia e inflamação e conta com um pipeline de medicamentos potencialmente inovadores.

Estamos cientes da necessidade de contribuir para a sustentabilidade dos sistemas de saúde e a democratização do acesso ao medicamento, por isso, a par da inovação, a Amgen coloca o seu conhecimento e experiência no fabrico e distribuição de medicamentos biossimilares.

Além da inovação científica, a Fundação Amgen (criada em 1991) e a biofarmacêutica Amgen apoiam várias iniciativas de solidariedade social, responsabilidade corporativa e filantropia, com contributos de mais de 53 milhões de dólares a organizações sem fins lucrativos que partilham o nosso interesse no desenvolvimento dos recursos da comunidade, promovendo a literacia, o ensino da ciência e melhorando a vida das pessoas.

Como uma companhia inovadora baseada no desenvolvimento científico, a Amgen tem uma cultura ágil e empreendedora, capaz de atuar rapidamente para beneficiar todos os seus parceiros. Em tudo o que fazemos somos guiados passo a passo pelos nossos valores que nos permitem aspirar a alcançar a nossa missão – Servir os Doentes.



# AMGEN<sup>®</sup>

## TRADUZIMOS A LINGUAGEM DA VIDA EM MEDICAMENTOS VITAIS

Na Amgen acreditamos que as respostas aos desafios colocados pela medicina estão escritas na linguagem do nosso ADN. Como pioneiros em biotecnologia, utilizamos o nosso profundo conhecimento dessa linguagem para criar medicamentos vitais para o combate a doenças graves e melhorar decisivamente a vida dos doentes.

Para mais informações sobre a Amgen  
visite [www.amgen.pt](http://www.amgen.pt)

© 2020 Amgen Inc. Todos os direitos reservados.



**Carlos Sánchez-Luis**  
Country President



**Rosário Trindade**  
Corporate Affairs  
& Market Access Director



**Matilde Coruche**  
Human Resources  
& Communication Director



**Hugo Gomes da Silva**  
Medical & Regulatory  
Affairs Director



**Diana Malhado**  
Oncology Business  
Unit Director



**Sílvia Cruz**  
Respiratory & Immunology  
Business Unit Director



**Maria João Maia**  
Legal Director



**Carlos Frederico Carvalho**  
Innovation & Business  
Excellence Director

[www.astrazeneca.pt](http://www.astrazeneca.pt)



## A AstraZeneca Portugal

A AstraZeneca é uma companhia biofarmacêutica orientada para a ciência. Presente em mais de 100 países, a AstraZeneca apresenta um dos pipelines mais promissores da indústria farmacêutica (160 moléculas e/ou novas indicações em estudo), esperando-se mais de 20 lançamentos nos próximos 3 anos. A atividade da AstraZeneca é centrada em três áreas-chave: Cardiovascular, Renal e Metabólica, Respiratória e Imunológica e Oncologia.

Atualmente com cerca de 200 colaboradores em Portugal, que todos os dias trabalham para levar aos doentes as melhores terapêuticas, fazendo a diferença nas suas vidas, a AstraZeneca ambiciona ser a companhia mais respeitada pelos vários stakeholders. Para tal, a companhia assume-se como um parceiro dos profissionais de saúde, das entidades es-

tatais, das sociedades médicas, dos doentes e das suas associações, assim como da sociedade civil. A companhia desenvolve um trabalho que vai muito além da sua atividade core de comercialização de medicamentos. Neste âmbito, destaque para o grande investimento na geração de evidência local, para a formação científica de profissionais de saúde, para o apoio às associações de doentes, nomeadamente através do desenvolvimento de campanhas de disease awareness e para o apoio à sociedade civil através de ações de responsabilidade social.

Com uma cultura de alta performance, a AstraZeneca aposta nas suas Pessoas e no seu desenvolvimento, concedendo oportunidades de carreira aos seus colaboradores e valorizando e reconhecendo o esforço e os resultados alcançados. Paralelamente, a companhia defende a



partilha de ideias e opiniões por todos os colaboradores, numa total abertura entre todos. Na AstraZeneca, a igualdade é condição base. Atualmente metade dos cargos de direção são ocupados por mulheres e, no total da companhia, a percentagem é similar. No que às diferentes gerações diz respeito, cerca de 30% dos colaboradores são millenials, sendo a média de idades de 42 anos. Este ano a AstraZeneca Portugal recebeu a certificação de Top Employer, sendo que para mais de 90% dos seus colaboradores, a companhia é recomendada como local de excelência para trabalhar.

A sustentabilidade está no ADN da AstraZeneca. O investimento da AstraZeneca Portugal na proteção ambiental tem sido bastante significativo. Para compensar as emissões de CO2 da sua frota automóvel, composta por viaturas amigas do ambiente, a companhia plantou cinco mil árvores e atingiu a neutralidade carbónica. Paralelamente, e para tornar o edifício mais sustentável, foram instalados painéis fotovoltaicos, permitindo gerar cerca

de 30% dos consumos anuais de energia. Mas, na AstraZeneca, a sustentabilidade vai mais além e há vários projetos de apoio à comunidade que a companhia desenvolve anualmente.

#### **COMPROMISSO DA ASTRAZENECA COM PORTUGAL E COM OS PORTUGUESES**

Mantendo o seu compromisso com Portugal e com os portugueses, a AstraZeneca está fortemente empenhada em apoiar a luta contra a COVID-19, tanto a nível global como local. Globalmente, a AstraZeneca doou 9 milhões de máscaras aos países mais afetados pelo novo coronavírus. Tratou-se de uma ação em parceria com a Plataforma de Ação COVID-19, do Fórum Económico Mundial, criada com o apoio da Organização Mundial da Saúde. Desta ação, foram entregues ao Ministério da Saúde português 100 mil máscaras para distribuição junto dos profissionais de saúde. Paralelamente, e no que à Investigação e Desenvolvimento diz respeito, a AstraZeneca está a conduzir a

sua investigação em quatro áreas fundamentais no combate à COVID-19: Tratamento; Prevenção; Controlo do processo inflamatório e Proteção cardio-renal.

A nível local, a AstraZeneca realocou parte dos seus investimentos e doou 200 mil euros para a linha de apoio financeiro “Todos por quem cuida”, criada pela APIFARMA, em conjunto com a Ordem dos Médicos e a Ordem dos Farmacêuticos, para ajudar profissionais de saúde e outras entidades que combatem a COVID-19.

Paralelamente, e desde o início da pandemia, a companhia tem apoiado diversas sociedades médicas de relevo na realização de webinars para profissionais de saúde, assim como associações de doentes na concretização de sessões de esclarecimento para pessoas com diabetes, insuficiência cardíaca, asma ou cancro. Nos webinars destinados a profissionais de saúde o objetivo passa por promover a partilha de conhecimento e experiências entre profissionais de saúde, muitas vezes de diversas nacionalidades, tendo em vista uma melhor capacitação de quem está na linha da frente. Nas sessões para doentes pretende-se responder às dúvidas que os doentes têm em plena pandemia da COVID-19.

Também com o intuito de assegurar que nenhum doente ficará sem acesso à medicação, a AstraZeneca garantiu um reforço adicional de stocks dos seus medicamentos e associou-se, através da APIFARMA, à Operação Luz Verde, que permite o acesso dos doentes aos medicamentos de ambulatório hospitalar, através da farmácia comunitária.

Como forma de agradecimento a todos os profissionais de saúde que estão na linha da frente, assim como a todos os que têm diariamente de sair das suas casas para ir trabalhar, sejam trabalhadores do comércio, da logística ou da limpeza urbana, por exemplo, mesmo durante o Estado de Emergência, a AstraZeneca Portugal desenvolveu uma campanha de agradecimento que divulga através das suas redes sociais com as hastags #GratosMuitoGratos e #SempreComOsNossosHeróis.

Vítor Papão

Diretor-geral – Gilead Sciences Portugal



GILEAD

## Gilead Sciences | Uma Estratégia Focada na Inovação

Desde 2019, a Gilead tem na sua estratégia corporativa três grandes ambições: proporcionar 10 terapias transformadoras nos próximos 10 anos, tornar-se a empresa e o parceiro de eleição e proporcionar valor aos acionistas de uma forma responsável e sustentável para toda a sociedade.

Para disponibilizar aos doentes medicamentos verdadeiramente transformadores, a Gilead está a trabalhar a partir das suas principais áreas de especialização. Isso inclui, por exemplo, a aplicação de décadas de experiência em medicina antiviral no desenvolvimento da próxima vaga de inovação terapêutica para o VIH, através de terapias de ação prolongada; a utilização mais alargada da nossa mais recente experiência em imunomodulação, assim como a amplificação do uso das terapêuticas personalizadas, através da utilização do sistema imunitário dos próprios doentes no combate a doenças complexas como o cancro, tal como já fazemos na Kite,

líder em terapia celular, com um crescente pipeline na área da imunoterapia contra o cancro. Queremos manter o foco na inovação que investigamos ‘dentro de casa’, à medida que aumentamos a nossa diversificada rede de parceiros para acedermos à melhor ciência e tecnologia do mundo.

### PESSOAS E PARCEIROS

Uma das prioridades da Gilead é assegurar que a empresa tem uma equipa de líderes com experiência diversificada e pessoas excecionais que apoiem a empresa no futuro. Uma das responsabilidades mais importantes desta equipa é aproveitar o potencial dos mais de 12.000 talentosos colaboradores em todo o mundo, que todos os dias realizam o seu trabalho com verdadeiro empenho e paixão, perceptível em tudo o que fazem.

A Gilead sabe que nenhuma empresa ou organização pode enfrentar sozinha os desafios existentes para a saúde global, e

[www.gilead.com](http://www.gilead.com)

é por isso que colocamos tanta ênfase nas parcerias que estabelecemos. Entre as nossas várias parcerias e alianças estratégicas está, por exemplo, aquela que foi celebrada em 2019 com a Galápagos, uma empresa europeia focada em doenças inflamatórias, fibróticas e outras, como a artrite reumatóide. Esta associação expandiu a nossa base de investigação de um dia para o outro e deverá acelerar a capacidade tanto da Gilead como da Galápagos de trazer novas soluções aos doentes cujas necessidades terapêuticas permanecem por resolver. Fizemos também uma parceria com a Elton John AIDS Foundation para introduzir o programa RADIANT para o combater ao VIH/SIDA na Europa de Leste. O forte espírito de colaboração da Gilead também impulsionou uma rápida resposta ao surto provocado pela COVID-19, uma vez que trabalhamos em estreita parceria com governos, agências reguladoras e organizações de saúde para ajudar a enfrentar este importante desafio para a saúde global.

### CREATING POSSIBLE | FAZER DO IMPOSSÍVEL, O POSSÍVEL

Durante mais de três décadas, a Gilead procurou e alcançou avanços médicos que se julgavam impossíveis. A busca incessante pela inovação centra-se no objetivo de criar um mundo mais saudável, através dos tratamentos que desenvolvemos e da forma como conduzimos a nossa presença em todo o mundo. O impossível é apenas o que ainda não alcançámos.

A Gilead ajudou a transformar os cuidados para as pessoas que vivem com VIH desenvolvendo medicamentos pioneiros, incluindo o primeiro regime mundial de comprimido único para tratar a infeção e o primeiro medicamento que ajuda a preveni-la. Também aplicámos a mesma determinação, inovação e foco, na hepatite C, oferecendo, em menos de quatro anos, quatro terapias que curam a hepatite C. E continuamos a orientar-nos pela ciência transformadora por forma a trazer avanços significativos e, em alguns casos, cura aos doentes.

Com base na nossa capacidade de desen-

volver medicamentos antivirais e na crescente experiência em imunomodulação, as nossas equipas estão a trabalhar com perseverança, determinação e coragem para a descoberta e desenvolvimento da próxima geração de medicamentos, em áreas como a oncologia e a inflamação.

E como não podemos fazê-lo sozinhos, seguimos uma abordagem de colaboração que nos permite construir uma rede de inovação e assim acelerar o desenvolvimento de tratamentos pioneiros.

Trabalhamos para criar um mundo melhor e mais saudável. A Gilead reconhece que o avanço das descobertas científicas é apenas um aspeto para a melhoria da saúde pública e estamos empenhados em disponibilizar mais do que apenas medicamentos aos doentes. Os nossos programas mundiais ajudam a enfrentar as barreiras aos cuidados, tais como o acesso ao tratamento, o estigma e a discriminação, assim como as desigualdades na prestação dos cuidados de saúde em todo o mundo. Em mais de 15 anos, temos trabalhado para disponibilizar os nossos medicamentos em países com recursos limitados. Não só estamos determinados a melhorar a saúde através dos nossos tratamentos, como também procuramos uma estratégia de sustentabilidade mundial para reduzir o impacto associado à cadeia de fornecimento, produção e distribuição dos nossos produtos e operações das nossas instalações corporativas.

### DEVOLVER ÀS NOSSAS COMUNIDADES

Os doentes e as comunidades muitas vezes enfrentam desafios no acesso aos melhores cuidados. Sabemos que a Gilead sozinha não pode resolver estes desafios - por isso também estamos empenhados em ser uma parte importante da solução. Os programas corporativos de donativos da Gilead financiam projetos que apoiam comunidades desfavorecidas que, sistematicamente, enfrentam obstáculos sociais ou económicos na área da saúde. O nosso objetivo é estabelecer parcerias que sirvam os doentes e as comunidades, para con-

struir soluções colaborativas que ajudem a alargar o acesso aos cuidados de saúde de forma tão ampla quanto possível. Através das nossas parcerias com as associações de doentes, organizações sem fins lucrativos, profissionais de saúde e Academia, trabalhamos para ajudar a melhorar o acesso aos cuidados, reduzir as desigualdades, melhorar a educação e apoiar as comunidades locais.

Em 2019, a Gilead doou 380 milhões de dólares num esforço para reduzir as desigualdades em saúde, eliminar as barreiras no acesso aos cuidados de saúde encontradas pelas populações carenciadas, promover a educação dos profissionais de saúde e apoiar as comunidades locais em que operamos.

Em Portugal, a Gilead criou em 2013 o Programa Gilead GÉNESE com a ambição de incentivar a investigação, a produção e a partilha de conhecimento científico a nível nacional, e de viabilizar iniciativas que conduzam à implementação de boas práticas no acompanhamento dos doentes. O Programa Gilead GÉNESE tornou-se uma referência na área da Responsabilidade Social Corporativa, incentivando projetos de investigação científica e de intervenção na área da comunidade. Ao longo de seis edições, o montante global de financiamento atribuído aos 76 projetos apoiados pelo Programa Gilead GÉNESE ultrapassou um milhão e seiscentos mil euros, tornando este um dos maiores programas de responsabilidade social do setor farmacêutico em Portugal. As comunidades e os doentes enfrentam, com frequência, desafios à adoção dos melhores tratamentos disponíveis, pelo que a Gilead apoia também, através do seu programa de Grants & Donations, organizações sem fins lucrativos e organizações de prestação de cuidados de saúde. Face à situação de pandemia por COVID19, a verba a atribuir na edição de 2020 foi realocada a projetos e iniciativas que de alguma forma contribuam para aliviar o impacto da crise nas instituições de saúde e nos profissionais de saúde que se encontram na linha da frente, bem como junto das populações mais vulneráveis.

#### FUNÇÕES DE DIRECÇÃO

- » **Nelson Pires**  
Director Geral e Administrador
  
- » **Rui Rijo Ferreira**  
Director de Marketing
  
- » **Afonso Vicente**  
Director de Vendas
  
- » **Moreno Francini**  
Director Financeiro
  
- » **Thordis Berger**  
Directora Médica  
e Assuntos Regulamentares
  
- » **Susana Jimenez**  
Directora Técnica,  
Logística e Qualidade
  
- » **José Querido**  
Director do Departamento  
apoio ao cliente e Exportação
  
- » **Ana Porfirio**  
Directora de RH e Cliente interno



## JABA RECORDATI

A Jaba Recordati é a companhia farmacêutica subsidiária do Grupo Recordati, representa 3.6% do total do Grupo, que comercializa no mercado Português produtos farmacêuticos de elevado valor acrescentado que melhoram a qualidade de vida e ajudam as pessoas a dela tirarem melhor proveito, de forma mais longa, saudável e produtiva. Estamos presentes em inúmeras áreas terapêuticas (como a cardiovascular, urologia, gastro, dor, sistema nervoso central, OTC) e somos essencialmente uma companhia presente nas áreas de “primary care” e doenças raras.

Evoluimos da pequena farmácia Universal fundada em 1927 perto de Lisboa, adquirimos cariz nacional mas sempre propriedade da família Batista de Almeida, sendo que depois adquirimos cariz multinacional com a aquisição pelo Grupo Recordati em 2006 (Grupo contemporâneo da Jaba, fundado em 1926 também numa pequena farmácia em Itália), tornando-nos na Jaba Recordati S.A. Apresentamo—nos como uma companhia multinacional inovadora (Recordati Group) com “alma Portuguesa” que proporciona mais e melhor vida aos nossos cidadãos.

Os nossos maiores “trunfos” são sustentados num acrónimo que caracteriza a nossa ambição: PPP:

- Temos os melhores Produtos, nos mercados onde estamos presentes e queremos estar sempre no top do ranking. Têm de ser produtos diferenciadores e com valor terapêutico acrescentado ou

incremental face aos produtos existentes.

- Temos os melhores Processos, seja a nível interno ou externo. A título exemplo, utilizamos ferramentas de crowdsourcing para alinhar as nossas estratégias de marketing no lançamento de crowdsourcing. Uma metodologia inovadora que potencia a nossa visão, com a visão do mercado e dos clientes.

- Temos as melhores Pessoas, motivadas, dedicadas, profissionais, éticas, ambiciosas e focadas em poder concretizar a nossa visão: proporcionar mais e melhor vida!

Em termos de futuro e investimento no nosso país, o maior investimento que temos são ao nível de I&D (a companhia investe todos os anos cerca de 10% dos seus resultados em investigação de novas moléculas), sendo que em Portugal, no ano passado, investimos mais de 1 milhão de euros em I&D em Portugal; investimos mais de 10% do nosso turnover em Portugal, em formação pós graduada dos nossos técnicos de saúde; investimos um valor elevado na formação dos nossos colaboradores, bem como proporcionamos condições acima da média do mercado. Por isso mesmo temos sido regularmente reconhecidos a nível nacional e internacional, por sermos uma companhia com as melhores práticas, quer de gestão dos RH, quer ao nível de comunicação dos nossos produtos.

A nossa missão, presente e em tudo o que fazemos, é acrescentar mais e melhor vida aos cidadãos que beneficiam da nossa tecnologia de saúde, de forma ética, responsável, sustentável e solidária!

[www.jaba-recordati.pt](http://www.jaba-recordati.pt)



## O MUNDO É O NOSSO LABORATÓRIO

A Recordati é uma multinacional com presença em mais de 100 países no mundo inteiro, que aposta desde 1927 na investigação e no desenvolvimento de novos medicamentos e moléculas para o tratamento de patologias como a dislipidemia, a hipertensão, as doenças da próstata e as doenças orfãs. Com provas dadas de inovação científica, não vamos parar até alcançarmos o nosso maior desiderato: oferecer mais e melhor saúde a todas as pessoas.

# Janssen aposta na inovação na procura por um futuro sem doença

## COMITÉ EXECUTIVO



**Filipa Mota e Costa**  
Diretora Geral



**Manuel Salavessa**  
Diretor Médico  
e Regulamentar



**Branca Barata**  
Diretora de Market  
Access



**Patrícia Gouveia**  
Diretora Comercial



**Nuno Cunha**  
Diretor de Customer  
Strategy



**Sofia Brito**  
Diretora de Recursos  
Humanos



**Pedro Santos**  
Diretor de IT



**Paulo Sá**  
Diretor Financeiro



**Maria Faria**  
Diretora de Corporate Affairs

## ÁREAS TERAPÉUTICAS

- » Imunologia
- » Infeciologia
- » Neurociências
- » Oncologia
- » Hipertensão Arterial Pulmonar

[www.janssen.com/portugal](http://www.janssen.com/portugal)

Na Janssen, companhia farmacêutica do grupo Johnson & Johnson, o maior grupo de cuidados de saúde do mundo, temos a ambição de criar um futuro em que a doença será algo do passado. Com um pipeline dos mais inovadores e diversificados do setor, a nossa capacidade em desenvolver e disponibilizar soluções terapêuticas, amplamente reconhecida a nível global, reflete-se num legado de que nos orgulhamos.

Ajudámos a tornar realidade a desinstitucionalização de muitos doentes psiquiátricos, permitindo-lhes a estabilidade necessária para a tão desejada integração social. E continuamos a investir nesta área, procurando novas respostas para os doentes de depressão severa. No VIH, contribuímos para que uma doença que era mortal seja hoje tida como crónica e ambicionamos contribuir para a sua cura e para a sua prevenção através de uma vacina.

Em áreas tão difíceis como a Oncologia, a Imunologia ou a Hipertensão Arterial Pulmonar, os ganhos em anos de sobrevivência com qualidade de vida são conquistas que muito nos orgulham, com os nossos medicamentos a fazerem a diferença na vida de milhares de pessoas.

Na área da Saúde Pública global, temos um contributo muito significativo e de há vários anos, na resposta a grandes desafios, como a Tuberculose Resistente ou o Ébola. Recentemente, doámos 500 mil doses de vacina para o controlo do surto do Ébola na República Democrática do Congo aliando a inovação à responsabilidade social que está na nossa essência. É com esta nossa experiência e conhecimento acumulados, que caminhamos a passos sólidos no desenvolvimento e produção de uma vacina para a COVID-19. Quando, em janeiro deste ano, a sequenciação genética do novo coronavírus foi disponibilizada, entrámos numa corrida contra o tempo: em março anunciámos uma forte candidata a vacina, e em Abril começámos a preparar a sua produção, ainda que a risco. Se os ensaios clínicos em humanos, que terão início já em se-

tembro deste ano comprovarem a sua eficácia, estaremos capazes de poder disponibilizar mil milhões de doses já a partir do início de 2021.

Este é um forte investimento de recursos mas também financeiro, de mil milhões de dólares em parceria com a Autoridade Biomédica de Investigação e Desenvolvimento Avançado dos E.U.A, para completar um processo que normalmente leva entre 5 a 7 anos em apenas 13 meses. É um compromisso que temos para com o mundo e é para um acesso global que estamos a trabalhar.

Focados em seis áreas terapêuticas - Oncologia, Neurociências, Imunologia, Doenças Cardiovasculares e Metabólicas, Hipertensão Pulmonar e Infeciologia - investimos anualmente em Investigação e Desenvolvimento mais 88% do que em vendas e marketing, o que reflecte bem o papel da Investigação na nossa identidade. Em valor absoluto, 8 mil milhões de dólares é o valor que todos os anos investimos no desenvolvimento de novos medicamentos e vacinas para responder a necessidades médicas não preenchidas e que permitem que estejamos, em 2020, como em muitos anos anteriores, no top do Pharmaceutical Innovation Index como uma das empresas mais inovadoras do setor a nível mundial.

Trabalhando com todos, das autoridades locais ao mundo académico, numa intensa colaboração aberta, procuramos em Portugal, como no mundo, novas soluções para trazer uma maior qualidade de vida aos doentes. Há dois anos, Portugal voltou a integrar a lista de países prioritários para a I&D da Janssen, numa conquista que muito nos orgulha e que esperamos venha a beneficiar cada vez mais doentes num acesso precoce a muitas terapêuticas realmente inovadoras.

Sabemos que o mundo está em rápida transformação e enquanto companhia farmacêutica líder sabemos que lhe podemos responder. Estamos a trabalhar para que Portugal seja parte cada vez mais ativa nesta resposta, hoje e no futuro.

# Mundipharma Portugal

TO MOVE MEDICINE FORWARD

A Mundipharma é uma companhia farmacêutica americana que nasceu em Portugal em 2015, como parte da rede de empresas independentes, estando presente nos cinco continentes. Com uma visão desafiadora que põe em causa o convencional e aposta na inovação, a Mundipharma visa identificar e acelerar o desenvolvimento de medicamentos significativos e inovadores, de forma a prolongar a vida dos doentes e acrescentar valor ao sistema de saúde e seus profissionais.

Enquanto organização horizontal e sem burocracias, a atividade da Mundipharma rege-se pela agilidade, rapidez de resposta às necessidades do mercado, flexibilidade e capacidade de adaptação à mudança, características que tornam a companhia num parceiro único. A empresa tem um forte histórico de parcerias bem-sucedidas, no licenciamento, desenvolvimento e comercialização de medicamentos.

Ao longo da sua existência, a Mundipharma introduziu já um grande número de medicamentos inovadores no mercado, respondendo às necessidades dos doentes e posicionando-se como empresa de referência mundial e um parceiro de eleição para o desenvolvimento clínico e/ou comercialização de qualquer produto na área da saúde.

Ao trabalhar em parceria com diferentes entidades, a Mundipharma criou um portfólio europeu de medicamentos que criam valor

para doentes, profissionais de saúde e para o sistema de saúde, em áreas terapêuticas relevantes como a Diabetes, Doenças Respiratórias, Oncológicas, Dor e Biossimilares. A Mundipharma ambiciona deixar um legado que marque a diferença na sociedade portuguesa e impacte as gerações futuras, com foco no propósito TO MOVE MEDICINE FORWARD.

## ESPÍRITO GUERREIRO, CORAÇÃO PRESTATIVO E ATITUDE DE DIVERSÃO

Num ambiente de total confiança, integridade e transparência, a Mundipharma rege-se por três valores principais: espírito guerreiro, coração prestativo e atitude de diversão. “Cultivamos um ambiente desafiador, de alta performance e de constante aprendizagem, para obtermos colaboradores qualificados e competentes que façam a diferença. A autonomia e a responsabilidade compõem o nosso DNA e a responsabilidade individual e o espírito de equipa permitem-nos superar os desafios que enfrentamos” refere Sofia Ferreira, diretora geral da companhia desde janeiro de 2019.

A este respeito e em Portugal, a Mundipharma foi, nos últimos 4 anos, continuamente considerada uma “Great Place to Work”, ocupando sempre lugares de pódio no sector que integra, tendo conseguido este ano manter uma posição de



Sofia Ferreira  
Diretora Geral  
da Mundipharma

## ÁREAS DE ESPECIALIZAÇÃO

- » Diabetes
- » Doenças respiratórias
- » Oncologia
- » Dor
- » Biossimilares

relevância sendo considerada a 3º melhor companhia farmacêutica para trabalhar.

A Mundipharma pretende fazer a diferença no mercado para que as futuras gerações possam viver num lugar melhor, mais feliz e mais justo. Por isso, os nossos colaboradores apoiam e desenvolvem várias iniciativas filantrópicas, de educação e formação, nas mais variadas áreas de sociedade e implementam projetos de transformação positiva da perceção dos cuidados de saúde. Através de uma atitude positiva e diferenciadora perante o futuro, a Mundipharma alia esta inspiração às novas tecnologias e à inovação.

Lisboa: (+351) 219 013 162 | Lagoas Park – Edifício 4 Piso 1 Norte R. Encosta das Lagoas, 2740-267 Porto Salvo, Oeiras, Portugal | geral@mundipharma.pt

PUB

# MUNDIPHARMA

ESPÍRITO GUERREIRO, CORAÇÃO PRESTATIVO  
E ATITUDE DE DIVERSÃO



MA-INS-WPH-1-2020-0001-V1

Somos uma companhia dedicada às pessoas. No coração de cada decisão que tomamos, procuramos melhorar a vida daqueles que mais precisam dos nossos medicamentos, com o firme propósito de deixar para trás, um melhor sistema de saúde para gerações futuras.





**Anja Salehar**  
Diretora Geral  
da Novo Nordisk Portugal

#### ÁREAS TERAPÉUTICAS

- » Diabetes
- » Hemofilia
- » Obesidade
- » Distúrbios do Crescimento

## Novo Nordisk Portugal: Inovação, Acesso e Prevenção

A Novo Nordisk é uma companhia global de cuidados de saúde, com 96 anos de inovação e liderança no tratamento da diabetes. Fundada em 1923, tem a sua sede em Bagsværd, Dinamarca, e conta já com 80 afiliadas em todo o mundo, entre as quais Portugal.

A Novo Nordisk é a fornecedora de quase metade da insulina utilizada em todo o mundo. Disponibilizamos os nossos produtos em cerca de 170 países e estimamos que, aproximadamente, 30 milhões de pessoas utilizem os nossos medicamentos para o tratamento da diabetes.

Esta forte herança na área da Diabetes deu-nos a experiência e a capacidade para ajudar também as pessoas que vivem com Obesidade, Hemofilia, Distúrbios de Crescimento e outras Doenças Crónicas. Todos os dias mobilizamos esforços e recursos para combater estas doenças, através de descobertas científicas pioneiras e de iniciativas que procuram expandir o acesso aos nossos medicamentos. E não o fazemos sozinho, mas através da estreita colaboração e do trabalho em parceria com os profissionais de saúde, representantes dos doentes, decisores políticos e outros stakeholders relevantes, assegurando desta forma uma resposta centrada nas necessidades dos doentes e do sistema de saúde.

Três pilares guiam tudo o que fazemos na Novo Nordisk: inovação, acesso e prevenção. A Investigação Clínica é para nós uma prioridade e, nos últimos anos, a Novo Nordisk Portugal quadruplicou o seu investimento nesta área, o que se traduziu em quatro vezes mais ensaios clínicos implementados, envolvendo 10 vezes mais doentes. Este cres-

cimento é o resultado claro da aposta em equipas dedicadas, permitindo-nos uma estreita colaboração com os centros de investigação.

Garantir aos Portugueses o acesso à inovação terapêutica e aos melhores cuidados de saúde é um compromisso que lidera as nossas prioridades e que nos exige um trabalho colaborativo com os diferentes stakeholders, na procura de novos modelos de acesso, com o objetivo de encontrar soluções que garantam, em simultâneo, os melhores resultados para os doentes e a sustentabilidade do Serviço Nacional de Saúde. Por fim, mas não menos importante, a prevenção. O recente projeto *Cities Changing Diabetes Lisboa*, uma parceria da Novo Nordisk com a Câmara Municipal de Lisboa, a Associação Protetora dos Diabéticos de Portugal (APDP), a Administração Regional de Saúde de Lisboa e Vale do Tejo (ARSLVT) e a Faculdade de Medicina da Universidade NOVA é um bom exemplo do trabalho conjunto nesta área, procurando promover atividades de sensibilização e de prevenção, com a finalidade de alterar o curso da curva de crescimento da diabetes, em Lisboa e em Portugal.

Neste ano tão desafiante, em que a pandemia por COVID-19 veio alterar as nossas dinâmicas de trabalho e exigir um esforço adicional para que nenhum doente fique sem os medicamentos que necessita, queremos reforçar as nossas parcerias com as associações de doentes, os profissionais de saúde, as sociedades médicas e as organizações da sociedade civil, a fim de promover a prevenção, o diagnóstico precoce e o acesso aos cuidados de saúde e o tratamento adequado diabetes, obesidade e hemofilia.

[www.novonordisk.pt](http://www.novonordisk.pt)



## Angelini comprometida com o futuro

A Angelini Farmacêutica, líder em saúde e bem-estar trabalha diariamente com a ambição de oferecer aos doentes e cuidadores novos medicamentos e soluções que permitam alcançar melhores resultados de saúde e uma melhor qualidade de vida.

Em Portugal, a Angelini Farmacêutica conta com 119 colaboradores e apresenta uma vasta oferta de produtos no setor farmacêutico, de onde se destaca na área dos medicamentos de prescrição obrigatória o Triticum®, marca líder no mercado dos Antidepressivos; o Adalpur®, relaxante muscular de ação central e também líder neste mercado e o Lepicortinolo®, principal corticoide utilizado em Portugal.

No mercado de Consumer Healthcare possui marcas reconhecidas como Tantum Verde®, Magnesium OK®, Acutil®, Optimus® e a icónica marca Barral®.

Recentemente lançou Vellofent®, um analgésico opioide para a dor irruptiva em doentes oncológicos e integrou no seu portefólio a marca ThermaCare®, produtos com tecnologia patenteada que usa a terapia térmica para ajudar a aliviar a dor muscular e relaxar os músculos. A Angelini Portugal faz parte da divisão farmacêutica do Grupo Angelini. Fundada na Itália em 1919, hoje a Angelini é um grupo internacional líder em saúde e bem-estar no campo de produtos farmacêuticos e de consumo.

Uma estratégia de investimento focada no crescimento, no compromisso constante em pesquisa e desenvolvimento e no profundo conhecimento dos mercados e setores de negócios faz da Angelini um grupo sólido e bem sucedido há mais de 100 anos.

Comprometida no combate à doença e melhoria da qualidade de vida dos doentes com um foco especial nas áreas da saúde mental e da dor, não descurando a sua posição no segmento de Consumer Healthcare, com marcas OTC líderes na Itália e no mundo, a Angelini Pharma opera diretamente em 15 países, empregando cerca de 3.000 pessoas.

Os seus produtos são comercializados em cerca de 70 países, através de alianças estratégicas com os principais grupos farmacêuticos internacionais. É uma empresa integrada, com extensos e reconhecidos programas de R&D, fábricas de classe mundial e atividades de comercialização internacional de ingredientes ativos e medicamentos líderes de mercado.



Andrea Zanetti  
Country Manager

[www.angelinipharma.com](http://www.angelinipharma.com)

**SANDOZ** A Novartis  
Division

## Manter as famílias Portuguesas juntas, dando mais tempo à vida

A Sandoz é uma divisão do Grupo Novartis e líder global em medicamentos genéricos e biossimilares. A divisão foi criada em 2003, quando a Novartis uniu todos os seus medicamentos estabelecidos sob o nome Sandoz - uma marca global com uma longa história. Desde então, a Sandoz tornou-se uma empresa líder global neste tipo de medicamentos, com vendas anuais acima de 10 mil milhões de dólares.

A medicina moderna mudou o mundo - mas ainda não resolveu o problema do acesso. Mais de 2 biliões de pessoas ainda não têm acesso às terapias de que precisam - incluindo muitas nos países desenvolvidos (WHO 2015). Por esse motivo, os medicamentos genéricos e biossimilares são essenciais para os doentes e para a sustentabilidade dos sistemas de saúde.

É por isso que a missão da Sandoz é descobrir novas formas de melhorar e prolongar a vida dos doentes através de abordagens novas e pioneiras que ajudem as pessoas em todo mundo a ter acesso a medicamentos de elevada qualidade.

Em Portugal, a equipa da Sandoz puxa para si a enorme responsabilidade de ajudar a manter as famílias Portuguesas juntas, dando mais tempo à vida. Para tal, apoiamos o governo, os profissionais de saúde e os pacientes na criação de maior acesso ao medicamento e sustentabilidade no

sistema, aumentando a felicidade das pessoas.

Somos um verdadeiro parceiro, trabalhando em estreita colaboração com parceiros governamentais, comerciais e científicos para maximizar a nossa contribuição coletiva para a sociedade. Somos definidos por fortes valores, que definem a nossa cultura e nos ajudam a executar a nossa missão: INOVAÇÃO por experimentar e fornecer soluções; COLABORAÇÃO por sermos uma equipa coesa e focada nos pacientes; QUALIDADE por ter orgulho em executar com excelência, num ambiente diverso e inclusivo; DESEMPENHO por dar prioridade e executar ações com sentido de urgência; CORAGEM por defender quem mais necessita, sendo humildes a dar e receber sugestões; INTEGRIDADE por defender e aplicar elevados padrões éticos, diariamente.

O que torna a Sandoz uma empresa vencedora são a nossa cultura e equipa, curiosa, inspiradora e un-bossed, assim como o nosso portefólio vasto, acessível e de elevada qualidade.



Tiago Bartolomeu  
Sandoz Head Portugal

[www.novartis.pt](http://www.novartis.pt)



**Filipe Novais**  
Diretor Geral Astellas Farma

#### ASTELLAS FARMA LDA.

Orientada para o futuro, e empenhada em transformar inovação científica em respostas médicas que tragam valor e esperança aos doentes de todo o mundo, a Astellas está na vanguarda da mudança dos cuidados de saúde.

A Astellas iniciou em 2017 um Ciclo de Conferências com o tema *umbrella Medicina Humanizada*.

**Em Novembro, realizar-se-á a 3ª edição dedicada à Medicina Regenerativa.**

#### ÁREA DE ATUAÇÃO

Empenhamo-nos, todos os dias, em responder a necessidades médicas não atendidas em áreas terapêuticas prioritárias, tais como a Oncologia, Urologia, Hematologia, Anti-infecciosos e Transplantação. Em simultâneo, investimos e dedicamo-nos a promover novas áreas terapêuticas.

☎ (+351) 214 401 300  
📍 Lagoas Park, Edifício 5  
Torre C, Piso 6,  
2740-245 Porto Salvo  
✉ portugal@astellas.com  
🌐 <https://www.astellas.com/pt/>



Porque a sua saúde merece o nosso maior respeito

A Boiron é um laboratório farmacêutico familiar e independente com 85 anos de história, líder no fabrico e comercialização de medicamentos homeopáticos. Tem como missão contribuir para a melhoria da qualidade de vida dos doentes de todo o mundo e para os avanços da Medicina, através do desenvolvimento da Homeopatia e de medicamentos homeopáticos. Em Portugal desde 2010, a Boiron está atualmente presente em 99% das farmácias a nível nacional. Conta com uma equipa jovem, dinâmica e motivada, cujo trabalho que desenvolve tem como propósito contribuir para o aumento do conhecimento do público e dos profissionais de saúde acerca da Homeopatia, demonstrar as suas vantagens e o seu enquadramento na Medicina. A Boiron Portugal promove e mantém as boas relações com parceiros comerciais, organismos públicos, associações do setor, profissionais de saúde, doentes e consumidores.

☎ (+351) 211 932 091  
📍 Alameda dos Oceanos  
lote 1.071 Y, Fração 2.4 1990-203  
Lisboa, Portugal  
🌐 [www.boiron.pt](http://www.boiron.pt)

#### A. MENARINI PORTUGAL FARMACÉUTICA S.A.

Quinta da Fonte, Edifício D.  
D. Manuel I - Piso 2-A  
2770-071 Paço de Arcos  
**Telef:** 210 935 500  
**Site:** [www.menarini.pt](http://www.menarini.pt)

#### ABBOTT LABORATÓRIOS, LDA

Estrada de Alfragide, 67 Alfraparque  
- Edif. D 2610-008 Amadora  
**Telef:** 214 727 100  
**Site:** [www.pt.abbott](http://www.pt.abbott)

#### ABBVIE, LDA.

Estrada de Alfragide, 67 -  
Alfrapark - Edifício D - Alfragide  
2610-008 Amadora  
**Telef:** 211 9084 00  
**Site:** [abbvie.com](http://abbvie.com)

#### ALMIRALL - PRODUTOS FARMACÉUTICOS, LDA

Rua do Central Park, Edifício 3, 6,  
4º B 2795-242 Linda-a -Velha  
**Telef:** 214 155 750  
**Site:** [www.almirall.com](http://www.almirall.com)

#### AMGEN - BIOFARMACÉUTICA, LDA

Edifício D. Maria I (Q60)-Piso 2A  
Quinta da Fonte  
2770-229 Paço de Arcos  
**Telef:** 214 220 550  
**Site:** [www.amgen.pt](http://www.amgen.pt)

#### ANGELINI FARMACÉUTICA, LDA

Rua João Chagas, 53 - 3º  
1495-072 Algés  
**Telef:** 214 148 300  
**Site:** [www.angelini.pt](http://www.angelini.pt)

#### ASTELLAS FARMA, LDA

Lagoas Park Edifício 5, Torre C,  
Piso 6 2740-245 Porto Salvo  
**Telef:** 214 401 300  
**Site:** [www.astellas.com.pt](http://www.astellas.com.pt)

#### ASTRAZENECA - PRODUTOS FARMACÉUTICOS, LDA

Rua Humberto Madeira, 7 Queluz  
de Baixo 2730-097 Barcarena  
**Telef:** 214 346 100  
**Site:** [www.astrazeneca.pt](http://www.astrazeneca.pt)

#### BAUSCH & LOMB, S.A

Av. da República, 25 - Fracção 6A  
1050-186 Lisboa  
**Telef:** 214 253 347  
**Site:** [www.bausch.com](http://www.bausch.com)

#### BAYER PORTUGAL, LDA

R. da Quinta do Pinheiro, 5  
Ourela 2794-003 Carnaxide  
**Telef:** 214 172 121  
**Site:** [www.bayer.pt](http://www.bayer.pt)  
**BENE FARMACÉUTICA, LDA**  
Av. D. João II, Ed. Atlantis,  
44-C - 1º 1990-095 Lisboa  
**Telef:** 211 914 455  
**Site:** [www.benefarmaceutica.pt](http://www.benefarmaceutica.pt)

#### BIAL - PORTELA & CA., S.A.

Av. da Siderurgia Nacional  
4745-457 São Mamede Coronado  
**Telef:** 229 866 100  
**Site:** [www.bial.com](http://www.bial.com)

#### BIALPORT - PRODUTOS FARMACÉUTICOS, S.A

Estrada do Paço do Lumiar  
Campus do Lumiar Edifício O  
1649-038 Lisboa  
**Telef:** 217 704 010  
**Site:** [www.bial.com](http://www.bial.com)

#### BIOGEN PORTUGAL SOCIEDADE FARMACÉUTICA, UNIPESSOAL LDA.

Av. Duque D'Ávila, 141 - 7º andar  
1050-081 Lisboa  
**Telef:** 213 188 450  
**Site:** [www.biogen.pt](http://www.biogen.pt)

#### BIOMERIEUX PORTUGAL - APARELHOS E REAGENTES DE LABORATÓRIO, LDA

Av. 25 de Abril de 1974, 23, 3º  
2795-197 Linda-a-Velha  
**Telef:** 214 152 350  
**Site:** [www.biomerieux.pt](http://www.biomerieux.pt)

#### BLUEPHARMA GENÉRICOS - COMÉRCIO DE MEDICAMENTOS S.A.

Rua da Bayer São Martinho  
do Bispo 3045-016 Coimbra  
**Telef:** 239 800 300  
**Site:** [www.bluepharma.pt](http://www.bluepharma.pt)

#### BOEHRINGER INGELHEIM, LDA

Unifarma, Lda. Av. de Pádua, 11  
1800-289 Lisboa  
**Telef:** 213 135 300  
**Site:** [webmaster@lis.boehringer-ingelheim.com](mailto:webmaster@lis.boehringer-ingelheim.com)

#### BRISTOL-MYERS SQUIBB FARMACÉUTICA PORTUGUESA, S.A

Quinta da Fonte Edif. Fernão de  
Magalhães, Rua Quinta da Fonte  
2780-730 Paço de Arcos  
**Telef:** 214 407 000  
**Site:** [www.bms.com](http://www.bms.com)



O Jornal Económico

**Atualize os seus dados  
para a próxima edição**



**Envie os seus dados para:**

Telef: 217 655 300

E-mail: [comercial@jornaleconomico.pt](mailto:comercial@jornaleconomico.pt)



**SANOFI PRODUTOS FARMACÊUTICOS, LDA.**

**Francisco del Val**  
Director-Geral

Em Portugal, a companhia está presente em todo o território nacional com cerca de 150 colaboradores e um portefólio distribuído por 4 áreas: General Medicines, Sanofi Genzyme (doenças raras, doenças raras hematológicas, oncologia, esclerose múltipla e imunologia) e Sanofi Pasteur (vacinas) e Consumer Healthcare (CHC).

A Sanofi tem um plano de investimento ambicioso em investigação clínica. Ao longo de 2019 Sanofi redesenhou o seu portefólio de R&D, estando agora exclusivamente orientada para o desenvolvimento de produtos First in Class ou Best in Class. A nossa unidade de ensaios clínicos estima investir mais de 7 milhões de euros nos próximos anos em ensaios já aprovados para serem conduzidos no nosso país. Atualmente temos 23 estudos clínicos a decorrer, em cerca de 20 hospitais, e conseguimos atrair para a filial portuguesa os primeiros estudos clínicos de fase 1 em cancro da mama e linfoma.

A Sanofi Portugal está na linha da frente na Investigação Clínica, tendo aumentado de forma significativa a sua atividade nos últimos anos, estando a conduzir estudos clínicos nas mais diversas áreas da Oncologia, Onco-Hematologia, Neurologia, Imuno-Alergologia e Doenças Raras, proporcionando aos doentes e aos investigadores Portugueses o acesso a terapêuticas completamente inovadoras.

Globalmente, a Sanofi dedica-se a apoiar as pessoas que lidam com desafios na sua saúde. Somos uma companhia bio farmacêutica global especializada em saúde humana. Agimos na prevenção da doença com as nossas vacinas e disponibilizamos tratamentos inovadores. Apoiamos tanto os doentes com doenças raras como os milhões de pessoas com doenças crónicas.

A Sanofi e os seus mais de 100.000 colaboradores, distribuídos por 100 países, transformam a inovação científica em soluções de saúde em todo o mundo.

**Sanofi, Empowering Life!**

PRODUTOS FARMACÊUTICOS, LDA  
 (+351) 213 589 400  
 Empreendimento Lagoas Park  
 Edifício 7 - 3º Piso  
 2740-244 Porto Salvo  
 geral.pt@sanofi.com

**BSG PHARMACEUTICALS PRODUTOS FARMACÊUTICOS INOVADORES, S.A.**

Av. Casal Ribeiro, 18 – 7º Dto  
 1000-092 Lisboa  
**Telef:** 213 522 785  
**Site:** www.schuelke.pt

**BOIRON**

Edif. Mar do Oriente - Rua do Mar Vermelho, Nº 2 - Fração 2.4  
 1990 - 152 Lisboa  
**Tef:** 211 932 091  
**Site:** www.boiron.pt

**CELGENE, SOCIEDADE UNIPessoal, LDA.**

Lagoas Park, Edifício 7 - Piso 1 Sul  
 2740-244 Porto Salvo  
**Telef:** 210 044 300  
**Site:** www.celgene.com

**CICLUM FARMA UNIPessoal, LDA**

Quinta da Fonte, Edifício D. Amélia, Piso 1 - Ala B  
 2770-229 Paço de Arcos  
**Telef:** 211 209 870  
**Site:** www.ciclumfarma.pt

**CPCH - COMP. PORT. CONSUMER HEALTH, LDA**

Av. António Augusto de Aguiar

108-8,º 1050-019 Lisboa  
**Telef:** 214 449 630  
**Site:** www.cpch.pt

**DAIICHI SANKYO PORTUGAL, LDA**

Rua das Lagoas Pequenas, Edifício 5B, Piso 3 Lagoas Park, 2740-245 Porto Salvo  
**Telef:** 214 232 010  
**Site:** www.daiichi-sankyo.pt

**DÁVI II FARMACÊUTICA, S.A.**

Estr. Consiglieri Pedroso, 71 Edifício D - 3º Esq.  
 2730-055 Barcarena  
**Telef:** 214 340 000  
**Site:** www.davi.pt

**EISAI FARMACÊUTICA, UNIPessoal, LDA**

Lagoas Park - Edifício 5 Letra A - Piso 6 2740-298 Porto Salvo  
**Telef:** 214 875 540  
**Site:** www.eisai.com

**FERRER PORTUGAL S.A.**

Rua Quinta do Paizinho, 1 - 1º Dto Portela de Carnaxide  
 2794-066 Carnaxide  
**Telef:** 214 449 600  
**Site:** www.ferrer.com

**FERRING PORTUGUESA, LDA.**

Rua Alexandre Herculano, Edf. 1 - 6º Piso 2795-240 Linda-a-Velha  
**Telef:** 219 405 190  
**Site:** www.ferring.pt

**FRESENIUS MEDICAL CARE PORTUGAL, SA.**

Rua Prof. Salazar de Sousa, Lote 12 Urbanização da Qta. das Pedreiras 1750-233 Lisboa  
**Telef:** 217 501 100  
**Site:** www.fresenius-medical-care.pt

**GILEAD SCIENCES, LDA.**

Atrium Saldanha Praça Duque de Saldanha, 1 – 8ºA e B  
 1050-094 Lisboa  
**Telef:** 217 928 790  
**Site:** www.gilead.com

**GLAXO WELLCOME FARMACÊUTICA, LDA.**

Rua Dr. António Loureiro Borges, 3 Arquiparque-Miraflores  
 1499-013 Algés  
**Telef:** 214 129 500  
**Site:** www.gsk.com

**GLAXOSMITHKLINE - PRODUTOS FARMACÊUTICOS, LDA.**

Rua Dr. António Loureiro Borges, 3 Arquiparque-Miraflores  
 1499-013 Algés  
**Telef:** 214 129 500  
**Site:** www.gsk.com

**GLAXOSMITHKLINE CONSUMER HEALTHCARE - PRODUTOS PARA A SAÚDE E HIGIENE, LDA.**

Rua Dr. António Loureiro Borges, 3 Arquiparque-Miraflores  
 1495-131 Algés  
**Telef:** 214 129 500  
**Site:** www.gsk.com

**GRUNENTHAL, S.A.**

Alameda Fernão Lopes, 12 - 8ºA  
 1495-190 Algés  
**Telef:** 214 726 300  
**Site:** www.grunenthal.pt

**IPSEN PORTUGAL - PRODUTOS FARMACÊUTICOS, S.A.**

Alameda Fernão Lopes, 16 - 11º Miraflores 1495-190 Algés  
**Telef:** 214 123 550  
**Site:** www.ipsen.com

**ISDIN - LABORATÓRIO FARMACÊUTICO UNIPessoal, LDA**

Edifício Xerox Av. Infante D Henrique, 1C 1950-421 Lisboa  
**Site:** www.isdin.com

**JABA RECORDATI S.A.**

Avenida Jacques Delors Edifício Inovação 1.2 Piso 0 Tagus Park Parque de Ciência e Tecnologia 2740-122 Porto Salvo  
**Telef:** 214 329 500  
**Fax:** 21 9151930  
**Site:** www.jaba-recordati.pt

**JANSSEN CILAG FARMACÊUTICA, LDA**

Lagoas Park, Edifício 9 2740-262 Porto Salvo  
**Telef:** 214 368 600  
**Site:** www.janssen.com/portugal

**JOHNSON & JOHNSON, LDA.**

Lagoas Park, Edifício 9 2740-262 Porto Salvo  
**Telef:** 214 368 600  
**Site:** www.jnj.pt

**KORANGI - PRODUTOS FARMACÊUTICOS, LDA.**

Rua da Vinha, 17 2765-388 Estoril  
**Telef:** 219 251 901  
**Site:** www.korangi.pt

**LABORATÓRIO EDOL, PRODUTOS FARMACÊUTICOS, S.A.**

Rua Casal do Canas, n-6 2790-204 Carnaxide  
**Telef:** 214 158 130  
**Site:** www.edol.pt

**LABORATÓRIO MEDINFAR - PRODUTOS FARMACÊUTICOS, S.A.**

Rua Henrique de Paiva Couceiro, 29, Venda Nova 2700-451 Amadora  
**Telef:** 214 997 400  
**Site:** www.medinfar.pt

**LABORATÓRIOS ATRAL, S.A.**

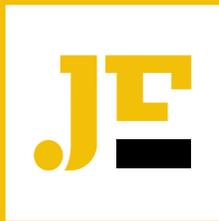
Rua da Estação, 42 Vala do Carregado 2600-726 Castanheira do Ribatejo  
**Telef:** 263 856 800  
**Site:** www.atralcipan.com

**LABORATÓRIOS AZEVEDOS - INDÚSTRIA FARMACÊUTICA, S.A.**

Estrada da Quinta 148 – 148 A Manique de Baixo 2645-436 Alcabideche  
**Telef:** 214 725 900  
**Site:** www.grupoazevedos.com

**LABORATÓRIOS BASI - INDÚSTRIA FARMACÊUTICA, S.A.**

Parque Industrial Manuel Lourenço Ferreira, Lote 15 3450-232 Mortágua  
**Telef:** 231 920 250  
**Site:** www.basi.pt



# O Jornal Económico

## EDIÇÃO DIGITAL DESDE 0,99€/SEMANA\*

\*assinatura anual 51,99€



O Jornal Económico surge também em versão digital. As melhores notícias da economia nacional e internacional de forma portátil, inteligente, económica e amiga do ambiente. Para ler em qualquer lugar e através de qualquer dispositivo (computador, tablet ou smartphone).

Aproximamos a economia de si.

Subscreva já em: [jornaleconomico.sapo.pt/assinaturas](http://jornaleconomico.sapo.pt/assinaturas)

**LABORATÓRIOS GALDERMA SA - SUCURSAL EM PORTUGAL**  
Rua Afonso Praça, nº 30 – 7º andar  
1495-061 Algés  
**Telef:** 213 151 940  
**Site:** www.galderma.pt

**LABORATÓRIOS INIBSA, S.A.**  
Sintra Business Parck,  
Edifício 1 - 2º Zona Industrial  
da Abrunheira 2710-089 Sintra  
**Telef:** 219 112 730  
**Site:** www.inibsa.pt

**LABORATÓRIOS PFIZER, LDA.**  
Lagoas Parque, Edifício 10  
2740-271 Porto Salvo  
**Telef:** 214 235 500  
**Site:** www.pfizer.pt

**LABORATÓRIOS VITÓRIA, S.A.**  
Rua Elias Garcia, 28  
2700-327 Amadora  
**Telef:** 214 758 300  
**Site:** www.labvitoria.pt

**LEO FARMACÊUTICOS, LDA.**  
Rua Soeiro Pereira Gomes,  
Lote 1 – 5ªA 1600-196 Lisboa  
**Telef:** 217 110 760  
**Site:** www.leofarmaceuticos@leo-pharma.com

**LILLY PORTUGAL - PRODUTOS FARMACÊUTICOS, LDA.**  
Torre Ocidente - R. Galileu Galilei,  
2 Piso 7 Fração A/D  
1500-392 Lisboa  
**Telef:** 214 126 600  
**Site:** www.lilly.pt

**LUNDBECK PORTUGAL - PRODUTOS FARMACÊUTICOS UNIPessoal, LDA.**  
Rua da Quinta da Quinta, Ed. Q37  
Plaza II, n.º5, Piso 0, fração D e E  
2770-203 Paço de Arcos  
**Telef:** 210 045 900  
**Site:** www.lundbeck.com

**LUSOMEDICAMENTA, SOCIEDADE TÉCNICA FARMACÊUTICA, S.A.**  
Estrada Consiglieri Pedroso, 69-B  
Queluz de Baixo  
2730-055 Barcarena  
**Telef:** 214 340 000  
**Site:** www.lusomedicamenta.pt

**MEDTRONIC PORTUGAL, LDA.**  
Centro Empresarial Torres de Lisboa, Rua Tomás da Fonseca,  
Torre E . 11º andar 1600-209 Lisboa  
**Telef:** 217 245 100  
**Site:** www.medtronic.pt

**MENARINI DIAGNÓSTICOS - MATERIAL DE LABORATÓRIO, LDA.**  
Quinta da Fonte, Edifício D.  
Manuel I, 2º B  
2770-203 Paço de Arcos  
**Telef:** 210 930 000  
**Site:** www.menarinidiag.pt

**MERCK SHARP & DOHME, LDA.**  
Edif. Vasco da Gama, 19 Quinta da Fonte 2770-192 Paço de Arcos  
**Telef:** 214 465 700  
**Site:** www.msd.pt

**MERCK, S.A.**  
Edifício DUO Miraflores Alameda Fernão Lopes, 12 - 5A,B e 4B  
1495-190 Algés,  
**Telef:** 213 613 500  
**Site:** www.merck.pt

**MUNDIPHARMA FARMACÊUTICA, LDA.**  
Lagoas Park Edifício 4 Piso 1 Norte, R. Encosta das Lagoas  
2740-267 Porto Salvo Oeiras  
**Telef:** 219 013 162  
**Site:** www.mundipharma.pt

**NORGINE - PORTUGAL FARMACÊUTICA UNIPessoal, LDA.**  
Edifício Smart, Rua do Pólo Norte e Alameda dos Oceanos, Lote 1.06.1.1 – Escritório 1C  
1990-235 Lisboa  
**Telef:**

**NOVARTIS FARMA - PRODUTOS FARMACÊUTICOS, S.A.**  
Av. Prof. Dr. Cavaco Silva, 10 E  
Taguspark 2740-255 Porto Salvo  
**Telef:** 210 008 600  
**Site:** www.novartis.pt

**NOVO NORDISK PORTUGAL**  
Quinta da Fonte,  
Rua Quinta da Quintã, n.º 1 - 1.º,  
2770-203 Paço de Arcos  
**Telef:** 214 404 000  
**Site:** www.novonordisk.pt

**OM PHARMA S.A.**  
Rua da Indústria, 2 - Quinta Grande  
2610-088 Amadora  
**Telef:** 214 708 500  
**Site:** www.ompharma.pt

**ORTHO CLINICAL DIAGNOSTICS Portugal**  
Unipessoal, LDA Lagoas Park – Edifício 2 2740 – 265 Porto Salvo  
**Telef:** 800 201 339  
**Site:** www.orthoclinicaldiagnostics.com

**PHARMAKERN PORTUGAL - PRODUTOS FARMACÊUTICOS SOC. UNIPessoal, LDA.**  
Avenida do Forte, 3, Edifício Suécia I, Piso 0, salas 1.04 e 1.29  
2794-038 Carnaxide  
**Telef:** 214200290  
**Site:** www.pharmakern.com

**ROCHE - SISTEMAS DE DIAGNÓSTICOS, SOCIEDADE UNIPessoal, LDA.**  
Estrada Nacional, 249 - 1  
2720-413 Amadora  
**Telef:** 214 257 000  
**Site:** www.roche.pt

**ROCHE FARMACÊUTICA QUÍMICA, LDA.**  
Estrada Nacional, 249 - 1  
2720-413 Amadora  
**Telef:** 214 257 000  
**Site:** www.roche.pt

**SANOFI - PRODUTOS FARMACÊUTICOS, LDA.**  
Empreendimento Lagoas Park - Edifício 7 - 3º andar  
2740-244 Porto Salvo  
**Telef:** 213 589 400  
**Site:** www.sanofi.pt

**SERVIER PORTUGAL - ESPECIALIDADES FARMACÊUTICAS, LDA.**  
Av. António Augusto de Aguiar, 128  
1050-020 Lisboa  
**Telef:** 213 122 000  
**Site:** www.servier.com

**SOFARIMEX - INDÚSTRIA QUÍMICA E FARMACÊUTICA, SA.**  
Avenida das Indústria  
Alto de Colaride 2735-213 Cacém  
**Telef:** 214 328 200

**TAKEDA - PRODUTOS FARMACÊUTICOS, LDA.**  
Quinta da Fonte,  
Rua dos Malhões nº5,  
Edifício Q56 D. Pedro I, Piso 3  
2770-071 Paço de Arcos  
**Telef:** 211 201 457  
**Site:** www.takeda.pt

**TECNIFAR - INDÚSTRIA TÉCNICA FARMACÊUTICA, S.A.**  
Rua José da Costa Pedreira,  
11B – Torre Sul  
1750-130 Lisboa  
**Telef:** 210 330 700  
**Site:** www.tecnifar.pt

**TECNIMEDE - SOCIEDADE TÉCNICO-MEDICINAL, S.A.**  
Rua da Tapada Grande,  
2 Abrunheira  
2710-089 Sintra  
**Telef:** 210 414 100  
**Site:** www.tecnimed.pt

**UCB PHARMA (PRODUTOS FARMACÊUTICOS), LDA.**  
Estrada de Paço de Arcos, 58  
P - 2770-130 Paço de Arcos  
**Telef:** 21 302 5300  
**Site:** www.ucb.com

**VIIVHIV HEALTHCARE, UNIPessoal, LDA**  
Rua Dr. António Loureiro Borges, nº3, Arquiparque - Miraflores 1499-013 Algés  
**Telef:** 210 940 801  
**Site:** www.viivhealthcare.com

**ZAMBON - PRODUTOS FARMACÊUTICOS, LDA.**  
Rua Comandante Enrique Maya, 1  
1500-192 Lisboa  
**Telef:** 217 600 954  
**Site:** www.zambon.pt

**ZENTIVA PORTUGAL, LDA**  
Alameda Fernão Lopes, nº16,  
bloco A, 8º Piso,  
1495-190 Algés – Portugal  
**Tel:** (+351) 21 060 13 60  
**E-mail:** pt-zentiva@zentiva.com  
**Site:** www.zentiva.pt



As informações deste diretório, foram gentilmente cedidas pela Associação Portuguesa da Indústria Farmacêutica, que congrega a maioria das empresas do setor. Esta listagem é, pois, representativa do setor, ainda que não inclua a totalidade das empresas farmacêuticas que operam em Portugal.

# SAÚDE ONLINE

WWW.SAUDEONLINE.PT

**ACEDA À INFORMAÇÃO  
EXCLUSIVA PARA  
OS PROFISSIONAIS  
DE SAÚDE**

**INSCREVA-SE JÁ  
GRATUITAMENTE NO NOSSO SITE  
WWW.SAUDEONLINE.PT**

Lançado em 2016, o site saudeonline.pt conta hoje com mais de **20.000 utilizadores**. Tendo mais de **150.000** visualizações mensais na sua página.

O portal **Saúde Online** é hoje, indiscutivelmente, a principal referência, entre os meios dedicados à divulgação de informação especializada na área da saúde sendo também o **órgão de comunicação social com maior audiência no segmento da saúde**.

